

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a)
autor(a), o texto completo desta tese
será disponibilizado somente a partir
de 13/03/2025.

UNESP  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

JOZIMARA ASSUNÇÃO CAMILO ALVES

**O CUIDADO DE SI E A ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA: EM CASO DE
MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIAS DOMÉSTICAS**



ARARAQUARA – S.P.
2022

JOZIMARA ASSUNÇÃO CAMILO ALVES

**O CUIDADO DE SI E A ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA: EM CASO DE
MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIAS DOMÉSTICAS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação Escolar.

Linha de pesquisa: Sexualidade, cultura e educação sexual.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Regina Momesso

Bolsa: CAPES

ARARAQUARA – S.P.

2022

A474c Alves, Jozimara Assunção Camilo Alves

O CUIDADO DE SI E A ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA: EM CASO DE
MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIAS DOMÉSTICAS / Jozimara
Assunção Camilo Alves Alves. -- Araraquara,
2022 200 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de
Ciências e Letras, Araraquara

Orientadora: Maria Regina Momesso

1. Educação. 2. Feminismo. 3. Mulheres. 4. Violência contra mulher. 5.
Análise do discurso. I. Título.

JOZIMARA ASSUNÇÃO CAMILO ALVES

O CUIDADO DE SI E A ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA EM CASO DE MULHERES
VÍTIMAS DE VIOLÊNCIAS DOMÉSTICAS

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação Escolar.

Linha de pesquisa: Sexualidade, cultura e educação sexual.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Regina Momesso

Bolsa: CAPES

Data da defesa: 04/10/2022

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Maria Regina Momesso
UNESP - Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara

Membro Titular: Profa. Dra. Andreza Marques De Castro Leão
UNESP - Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara

Membro Titular: Profa. Dra. Valeria Cristina Gimenes Prado
CRAS / Prefeitura Municipal de Américo Brasiliense

Membro Titular: Profa. Dra. Rosemeri Passos Baltazar Machado
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Membro Titular: Profa. Dra. Michelle Aparecida Pereira Lopes
Universidade do Estado de Minas Gerais (Unidade de Passos, MG)

Local: Universidade Estadual Paulista
UNESP Faculdade de Ciências e Letras - FCLAR

Aos amores da minha vida: Norival, Wanda e Janine.

AGRADECIMENTOS

À minha maior saudade, meu Pai, Srº Norival Camilo Alves.

Agradeço primeiramente à minha família, que nesses últimos anos tem se resumido à mulher mais forte e digna que tive o prazer de conhecer, Dona Wanda Aparecida de Assunção Camilo, minha mãe, razão pela qual ainda estou correndo atrás de meus sonhos e quem me ensinou que a felicidade vem em primeiro lugar.

Minha felicidade, que está ligada ao maior encontro de minha vida, a companheira de jornada Janine Cristina dos Santos, quem me acolheu e incentivou nos momentos mais difíceis e tortuosos, sempre me apoiando ou chorando comigo quando necessário.

Não posso deixar de agradecer minha querida orientadora Profa. Dra. Maria Regina Momesso, pelo suporte, pela paciência e a compreensão nos momentos mais difíceis (que não foram poucos) nesta aventura grande aventura, o Doutorado.

Este não seria o mesmo sem a companhia e apoio dos amigos que conquistei neste processo, obrigada pelas conversas, discussões, debates e encorajamento.

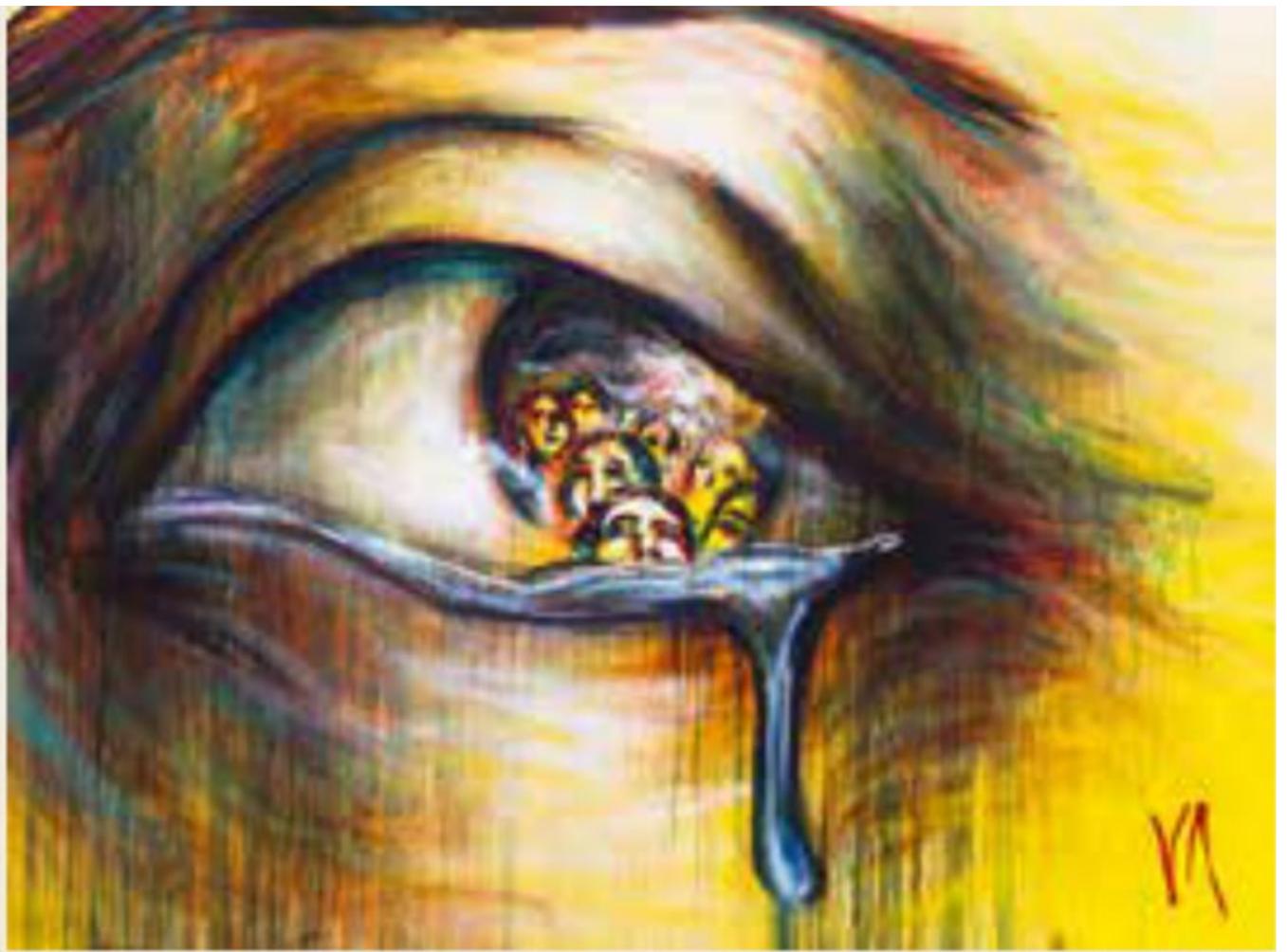
Quero agradecer também aos professores do Programa de Pós-graduação em Educação Escolar que me ajudaram a nomear minhas incomodações acerca das várias problemáticas da Educação, abrindo novos horizontes e me enchendo de questionamentos.

Por fim à CAPES, no suporte ao presente trabalho, realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Muito Obrigada!

“[...] O que te despedaça?
É nascer pra ser alguém,
Mas cresce e se tornar uma farsa?
É não sair de casa por medo,
E quando sai você vira a ameaça?
Não ter passagem pra ir,
E também ver pararem o seu parça?
Me diz, porra
Qual é a faca que te rasga?
As paredes que te apertam,
te sugam, e também te esmagam?
Essas mesmas paredes que ferem,
mas nunca te dão quem afaga?
Me diz,
Você é o peito exposto
Ou você segura a faca?
Você é o atacado
Ou você é quem ataca?
Você corta voos
Ou ajuda a dar impulso?
Sua faca anda cega
Ou sua faca corta pulso?
Quem é você?
O que cê faz
Pra se julgar tão verdadeiro?
Você é o animal?
Ou você é o açougueiro?
E não importa quem cê é
Se é abusado, ou se abusa
No meio da guerra eu só quero saber,
Qual é a faca que tu usa?
Ingrid Martins¹

¹ Disponível em: <https://ims.com.br/convida/slam-das-minas-rj/ingrid-martins/> Acesso em: 25/03/2020.



Obra “Violência contra as mulheres” por Vanessa Rosa²

² ROSA, V. Violência contra as mulheres. In: STEVENS, C. et al. Mulheres e violências: interseccionalidades. Brasília, DF: Technopolitik, 2017.

RESUMO

Esta tese de doutorado teve como foco principal a questão da linguagem sexista enquanto produtora de discursos que estimulam o preconceito e a violência, os quais ajudam a compor socialmente o imaginário, a representação simbólica e a identidade das mulheres. Esse fato linguístico e simbólico do sexismo feminino incita às hipóteses da pesquisa: Quais discursos constituem o imaginário social de mulheres em situação ou vítimas de violência doméstica? Quando chamadas ao protagonismo de suas histórias, que práticas discursivas compõem esse imaginário? Em que medida o sexismo linguístico aumenta ou não a vulnerabilidade e a exposição de mulheres às diversas violências? Os objetivos da pesquisa envolveram, primeiramente, identificar quais práticas discursivas e não discursivas que as mulheres vítimas de violência utilizam para prestar atenção nelas próprias, para se decifram, para se reconhecerem e se confessarem como sujeitos de desejo, como elas cuidam de si, e se autogovernam ou não. Em segundo lugar, objetivamos analisar as práticas discursivas e não discursivas sobre as mulheres vítimas de violência doméstica presentes na sociedade – em especial na mídia, família e mercado de trabalho – e na narrativização das histórias contadas por essas mulheres, quais seus efeitos de sentido e como estes contribuem para o aumento ou não da violência contra a mulher. Teórica e metodologicamente a pesquisa assenta-se no método genealógico Foucaultiano, ou seja, o estudo ao longo do tempo e da história do poder-saber dos jogos de verdade sobre as mulheres; os dispositivos linguísticos e não linguísticos que conduzem uma determinada verdade à ação sobre as mulheres que geram a violência; a identificação da maneira como se deu a constituição das mulheres violentadas em suas práticas de si e dos outros, de subjetivação e assujeitamento. O material de pesquisa foi composto inicialmente de discursos que circulam na mídia e na sociedade de forma geral que tratam do assunto e, posteriormente a pesquisa de campo, onde foram realizadas entrevistas semiestruturadas em um Centro de Referência de Atendimento à Mulher - CRAM da rede pública de atendimento social de um município do interior paulista, entre os anos de 2020 e 2021, visando a análise das práticas discursivas e não discursivas das mulheres vítimas de violência doméstica. Os resultados desta pesquisa demonstraram que a população atendida na rede pública municipal seguiu o mesmo padrão de incidências sobre a violência doméstica encontradas nos dados estatísticos de nível nacional. Nas análises discursivas observamos que os dispositivos amoroso e materno possuem dupla função para as mulheres vítimas de violências domésticas: se por um lado as mantêm reféns no ciclo de violência, por outro às despertam para o cuidado de si e do outro quando as agressões são direcionadas aos filhos. Os dispositivos institucionais atuam e podem atuar de maneiras diversificadas no processo de autogovernabilidade destas mulheres. Desta forma, concluímos esta tese com o entendimento de que o movimento de resistências das mulheres vítimas de violências domésticas, enquanto um contraponto a ideia de sujeição, é um processo individual, autotransformante e progressivo. São necessárias melhores garantias no formato de leis e de dispositivos institucionais para que os direitos das mulheres sejam garantidos em nosso país. O levantamento de dados e as análises realizadas neste estudo podem se somar aos dados nacionais e aos publicados em outras pesquisas, contribuindo principalmente na elucidação dos fatores que levam as mulheres a se deslocarem das situações de agressão e violência quando elas despertam para o cuidado de si, podendo contribuir também na elaboração de projetos educativos que instituem protocolos de atendimentos em instituições que recebem mulheres vítimas de violências domésticas.

Palavras-chave: Educação; Feminismo; Mulheres; Violência contra mulher; Análise do discurso.

ABSTRACT

This doctoral thesis had as its main focus the issue of sexist language as a producer of discourses that stimulate prejudice and violence, which can help to socially compose the imaginary and symbolic representation and identity of women. This linguistic and symbolic fact of female sexism encourages the research hypotheses: Which discourses constitute the social imaginary of women in situations or victims of domestic violence? When called to assist their own stories, what discursive practices make up their imaginary? To what extent does linguistic sexism increase or not women's vulnerability and exposure to various forms of violence? The research starts from the premise that an Ethical Education of the Modes of Existence permeated by a linguistic education, which takes into account the care of the self towards the other, that can be a way to resolve the suffering and improve the ways of life of women victims of domestic violence. The research objectives involved, firstly, to identify which discursive and non-discursive practices that women victims of violence use to pay attention to themselves, to decipher themselves, to recognize and confess themselves as subjects of desire, how they take care of themselves, and govern themselves or not. Secondly, we aimed to analyze the discursive and non-discursive practices about women victims of domestic violence present in society - especially in the media, family and labor market - and in the narrativization of the stories told by these women, what are their effects meaning and how they contribute to the increase or not the violence against women. Theoretically and methodologically, the research is based on the Foucaultian genealogical method, that is, the study over the history and time of the power-knowledge of the games of truth about women; the linguistic and non-linguistic devices that lead a certain truth to action on women who generate violence; the identification of the way in which the women who were violated were constituted in their practices of themselves and others, in the meaning of subjectivation and subjection. The research material was initially composed of speeches that circulate in the media and in society in general that deal with the subject and later the field research, where semi-structured interviews were carried out in a Reference Center for Assistance to Women RCAW of the public network of social assistance in a city in the interior of São Paulo State, between the years 2020 and 2021, aiming at the analysis of the discursive and non-discursive practices of women victims of domestic violence. The results of this research showed that the population served in the municipal public network followed the same pattern of incidences on domestic violence found in national statistical database. In the discursive analysis, we observed that the loving and maternal devices have a double function for women victims of domestic violence: if, in one hand they keep them hostage in the cycle of violence, on the other hand they awaken them to care for themselves and for the other, when the aggressions are directed at their children. Institutional devices act and can act in different ways in the process of self-governance of these women. Thus, we conclude this thesis with the understanding that the resistance movement of women victims of domestic violence, as a counterpoint to the idea of subjection, is an individual, self-transforming and progressive process. Greater guarantees are needed in the form of laws and institutional provisions so that women's rights are better guaranteed in our country. The data collection and analyzes carried out in this study can be added to national database and to those published in other studies, mainly contributing to the elucidation of the factors that lead women to move from situations of aggression and violence, when they become aware to the self-care, and can also contribute to the development of educational projects that establish protocols for care in institutions that receive women victims of domestic violence.

Keywords: Education; Feminism; Women; Violence against women; Speech analysis.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADC	Ação Direta de Constitucionalidade
ADI	Ação Direta de Inconstitucionalidade
BO	Boletim de Ocorrência
CADUNICO	Cadastro Único
CECAD	Consulta, Seleção e Extração de Informação do CadUnico
CEDAW	Convention on the Elimination of All Forms of Discrimination against Women
CEJIL	Centro pela Justiça e o Direito Internacional
CEPIA	Cidadania, Estudos, Pesquisa, Informação e Ação
CIDH	Comissão Interamericana de Direitos Humanos
CIM	Comissão Interamericana de Mulheres
CLADEM	Comitê Latino-americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos da
CNJ	Conselho Nacional de Justiça
CRAM	Centro de Referência de Atendimento à Mulher
CRAM	Centro de Referência da Mulher
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
DEAM	Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher
FONAVID	Fórum Nacional de Juízes de Violência Doméstica e Familiar
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LO	Lei Orgânica
MMFDH	Ministério da Mulher, família e dos Direitos Humanos
MS	Ministério da Saúde
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
OEA	Organização dos Estados Americanos
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	Organização não governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
SEMAS	Secretaria Municipal da Assistência Social
SIM	Sistema de Informações de Mortalidade
SVS	Secretaria de Vigilância em Saúde
STF	Supremo Tribunal Federal
STJ	Superior Tribunal de Justiça
SNPM	Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Desenvolvimento cronológico do Movimento Feminista no Brasil de 1910 a 1990.	51
Figura 2: Manchetes de feminicídios expostas no dossiê Feminicídio #invisibilidade mata, por Prado e Sanematsu (2017).	84
Figura 3: Resultados de pesquisa realizada no buscador Google Notícias® com as palavras: homem + ciúmes + agressão em 19 de maio de 2022 às 21:32 horas (horário de Brasília – BR).	85
Figura 4: Resultados de pesquisa realizada no buscador Google Notícias® com as palavras: “feminicídio+Brasil” em 19 de maio de 2022 às 21:42 horas (horário de Brasília – BR).	87
Figura 5: Reportagem da BBC News Brasil em São Paulo de 10 dezembro 2015, por Mendonça (2015).	89
Figura 6: Peça da campanha “Bebeu, perdeu!” lançada pelo Ministério da Justiça em 24 de fevereiro de 2014.	93
Figura 7: Campanha de 2021 do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) de incentivo à participação feminina na política.	99
Figura 8: Constituição da sociedade por meio da construção de determinadas Técnicas de si na Modernidade e na Contemporaneidade segundo Foucault, de acordo com Nardi e Silva (2005).	117
Figura 9: Técnicas associadas ao cuidado de si em diferentes tempos históricos: Grécia e Contemporaneidade segundo Foucault, de acordo com Nardi e Silva (2005).	117
Figura 10: Quadro de descrição dos Serviços Especializados de Atendimento à Mulher.	129

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Representação gráfica da evolução dos índices de homicídio de mulheres (por 100 mil) no Brasil entre 1980 e 2013, de acordo com Waiselfisz (2015).	65
Gráfico 2: Representação gráfica das taxas de homicídio de mulheres (por 100 mil), por UF no Brasil entre 2006 e 2013, de acordo com Waiselfisz (2015).	66
Gráfico 3: Representação gráfica das taxas de homicídio de mulheres (por 100 mil), por UF no Brasil em 2019, de acordo com Cerqueira (2021).	68
Gráfico 4: Representação gráfica das taxas de homicídio de mulheres (por 100 mil), por UF no Brasil em 2021, de acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública de 2021.	69
Gráfico 5: Representação gráfica das taxas de homicídio (HD) de mulheres e feminicídios (por 100 mil), por UF no Brasil em 2020, de acordo com Bueno <i>et al.</i> (2021).	70
Gráfico 6: Representação gráfica das porcentagens (%) de Raça/Cor das Mulheres Vítimas de Homicídios, por UF no Brasil em 2019, de acordo com Cerqueira (2021).	72
Gráfico 7: Feminicídios e demais mortes violentas (MV) intencionais de mulheres no Brasil em 2017-2018 e 2020, por relação entre vítima e autor.	73
Gráfico 8: Representação gráfica dos tipos de violências sofridas por mulheres entrevistadas entre 2009 e 2021, de acordo com a Pesquisa DataSenado – Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher de Novembro/2021.	76
Gráfico 9: Distribuição das mulheres vítimas de violência doméstica atendidas ativamente no CRAM de uma cidade do interior paulista, de acordo com a idade.	131
Gráfico 10: Distribuição das mulheres vítimas de violência doméstica atendidas ativamente no CRAM de uma cidade do interior paulista, de acordo com a autopercepção de cor.	132
Gráfico 11: Distribuição das mulheres vítimas de violência doméstica atendidas ativamente no CRAM de uma cidade do interior paulista, de acordo com a categoria possuir filhos.	133
Gráfico 12: Distribuição das mulheres vítimas de violência doméstica atendidas ativamente no CRAM de uma cidade do interior paulista, de acordo com a escolaridade.	134
Gráfico 13: Distribuição das mulheres vítimas de violência doméstica atendidas ativamente no CRAM de uma cidade do interior paulista, de acordo com o estado civil.	135
Gráfico 14: Distribuição das mulheres vítimas de violência doméstica atendidas	136

ativamente no CRAM de uma cidade do interior paulista, de acordo com sua relação com o agressor.

Gráfico 15: Distribuição das mulheres vítimas de violência doméstica atendidas ativamente no CRAM de uma cidade do interior paulista, de acordo com a Tipologia das agressões. 137

Gráfico 16: Distribuição das mulheres vítimas de violência doméstica atendidas ativamente no CRAM de uma cidade do interior paulista, de acordo com a reincidência das agressões. 139

Gráfico 17: Compilação dos dados de identificação (1ª fase) das seis mulheres entrevistadas vítimas de violência doméstica atendidas ativamente no CRAM de uma cidade do interior paulista. Dados de cor, idade, escolaridade, quantidade de filhos e estado civil. 141

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Dados sobre a frequência de ocorrências por tipo de violência e etapa do ciclo de vida de mulheres atendidas pelo SUS no Brasil em 2014, em números absolutos e porcentagens, de acordo com Waiselfisz (2015). 77

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
1. INTRODUÇÃO GERAL	16
2. CAPÍTULO I – MOVIMENTO FEMINISTA E A LINGUAGEM NÃO SEXISTA ...	23
2.1 Movimento Feminista: um percurso histórico, uma filosofia política e um modo de vida ...	23
2.2 O <i>Sujeito</i> do feminismo à luz das teorias Foucaultianas: uma retomada.....	28
2.3 Filosofia da Linguagem, Linguagens e o sujeito Mulher	33
2.4 Mulheres, linguagem e linguagem não sexistas	43
3. CAPÍTULO II – VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: CONTEXTO HISTÓRICO, A LEI E A HISTÓRIA	49
3.1 Contexto histórico dos direitos femininos e o nascimento da rede de apoio à mulher no Brasil	51
3.2 Lei 11.340/06 - Maria da Penha	55
3.3 Maria da Penha: uma mulher, um caso, uma lei	59
3.4 Violência doméstica no Brasil: dados estatísticos	64
4. CAPÍTULO III – O SEXISMO NA SOCIEDADE: NARRATIVAS DA MÍDIA, NA POLÍTICA, NAS RELAÇÕES FAMILIARES E NO TRABALHO.....	82
4.1 O papel da imprensa no sexismo em casos de vítimas de violência doméstica no Brasil.....	82
4.2 O papel do Estado no sexismo e as mulheres na política brasileira.....	93
4.3 O papel da família e do trabalho no sexismo em casos de vítimas de violência doméstica no Brasil	100
5. CAPÍTULO IV – VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, PODER E O CUIDADO DE SI.....	108
5.1 Cuidado De Si	112
6. CAPÍTULO V – CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	121
6.1 Local de pesquisa	125
7. CAPÍTULO VI - RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	132
7.1 Resultados quantitativos da Pesquisa de Campo – Prontuários	132
7.2 Resultados quantitativos da Pesquisa de Campo – Entrevistas	141
7.3 A Análise do Discurso nas narrativas das Entrevistadas	144
7.4 A Análise do cuidado de si e a estética da existência nas narrativas das Entrevistadas	157
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	161

REFERÊNCIAS.....	165
APÊNDICES.....	177
APÊNDICE 1 – Termo de autorização da pesquisa	178
APÊNDICE 2 – Termo de consentimento livre e esclarecido	179
APÊNDICE 3 – Roteiro para entrevistas – atendidas do CRAM	181
APÊNDICE 4 – Entrevistas	182

APRESENTAÇÃO

Sou Jozimara Assunção Camilo Alves, mulher, negra, LGBTQIA+, proletária, ansiosa, deprimida e diabética. Só “Jozi”, para aqueles que me conhecem bem. Nasci em Lins no ano de 1987, me graduei em Pedagogia em 2010 pela UNESP campus de Marília, fui bolsista do Núcleo de Direitos Humanos de Marília, participando dos grupos de estudos de Direitos Humanos e de Relações Sociais de Gênero e Educação, com pesquisa de iniciação científica financiada pela FAPESP. Sou também Mestre em Educação Sexual pela UNESP campus Araraquara, título adquirido em 2018. Minha existência é resistência. Entre as hiper e hipoglicemias que afetam meu corpo desde muito nova, segui firme em minhas caminhadas, segundo a segundo, passo a passo, com o apoio da família e dos amigos e até hoje, a cada momento que saio de casa e caminho para o trabalho, enfrento meus medos próprios, somados aos preconceitos alheios, e travo infindáveis debates mentais centrados num objetivo: como posso ajudar à melhorar a vida das mulheres, das negras, das pessoas LGBTQIA+, das minorias emudecidas? Como posso construir um mundo em que eu me encaixe, exista e seja feliz? Um mundo em que todos possam se encaixar e efetivamente coexistirem?

Continuo esta apresentação partindo de outro questionamento pessoal: “porque foi tão difícil escrever este trabalho?”. A resposta para o questionamento se relaciona com a temática envolvida, a violência doméstica, assim parte nosso fio condutor desta tese que se dá no processo de entender o fenômeno na perspectiva das mulheres vítimas dessas violências, e tentando compreender a dificuldade para se tratar o tema.

A resposta para pergunta acima ainda faz relação com duas questões: a proximidade e o distanciamento. Na primeira questão entendemos que esta temática não é desconhecida por nenhuma mulher, e ao ouvir relatos (entrevistas, leituras, depoimento em Boletins de Ocorrência - B.O.s), sempre podemos atribuir um “rosto” aos casos. Logo que relatos assim fazem parte do crescimento e desenvolvimento de muitas de nós, mulheres, sempre há uma amiga, uma familiar, uma conhecida, uma vizinha, quando não nós mesmas, que já passaram por situações de violência doméstica e outras violações, nas mais variadas formas ou tipificações legais. Já a segunda questão, o distanciamento, se apresenta também de algumas formas, inicialmente enquanto parte necessária à pesquisa, e na sequência, talvez a parte que compõe a resposta à pergunta inicial.

Compondo a complexidade do tema, nos distanciamos justamente pela proximidade, nas leituras para escrita deste trabalho nos deparamos com falas que mesmo em primeira

pessoa, parecem distantes. Nomear-se de vítima é um processo longo e doloroso, aceitar que pode acontecer em várias instâncias da vida, reconhecer violações de direitos que fundamentam uma base. A negação e o distanciamento por vezes aparecem como forma de justificativa para o fato, “ele/a bebeu”, “perdeu o controle”, “estava nervoso/a”, lembrando que estas violações geralmente acontecem no âmbito das relações próximas, companheiros/as ou ex-companheiros/as, são os agressores mais comuns, assunto a ser aprofundado no decorrer dos capítulos seguintes.

1. INTRODUÇÃO GERAL

A violência contra a mulher e suas intrincadas relações de poder têm sido exploradas ao longo da história humana, atualmente com foco de massiva exposição midiática. Os meios de comunicação mais tradicionais das sociedades contemporâneas trazem quase que de maneira sistemática histórias nas quais mulheres passam por situações desde vexatórias e humilhantes, até violências físicas e psicológicas. Nessas histórias, muitas vezes, podemos observar narrativas, que reforçam os discursos da cultura patriarcal, muito presente na sociedade brasileira, formações discursivas que constroem imagetivamente, como no caso da televisão, uma materialidade verbal sobre a mulher.

Treviño-Flores e Esparza (2016, p.26) em seus estudos sobre a linguagem nos trazem que “[...] del lenguaje sexista que utilizan los médio para danar la imagen feminina y favorecer una actitud crítica ante aquello que estamos acostumbrados a ver como natural y normal.”³. Os discursos utilizados pelos meios de comunicação terminam por reforçar e produzir conceitos de “[...] mujeres como el mal del hombre: perigosas, perversas, infieles, hipersexuales, etc., y tales construcciones contribuyen a legitimar la violencia contra las mujeres y por onde, su cosificación.”⁴ (TREVINO-FLORES e ESPARZA, 2016, p.727). A linguagem sexista, como explicitam as autoras, terminam por construir discursivamente a imagem de mulher culpada pela violência sofrida, deslegitimando suas vivências e naturalizando a violência contra elas.

Em contrapartida a essa torrente de regularidades discursivas acerca da mulher e do corpo feminino, temos os recentes levantes femininos por busca de direitos e representação nos mais variados campos de atuação humana, como as denúncias sobre as situações de violências sofridas diariamente. Esses acontecimentos discursivos, vão quebrando com o que se vinha sendo construído/produzido sobre as mulheres, principalmente por serem manifestações femininas.

Muitas mulheres passaram a utilizar a mídia informal, em especial as redes sociais – meio de comunicação digital – que ganhou forma e importância nas últimas décadas para narrativizar a si mesmas e seus corpos, quando contam suas próprias histórias em campanhas promovidas no *Twitter*[©] e no *Facebook*[©], ganhando notoriedade internacional.

³ Tradução da autora. “[...] a linguagem sexista utiliza dos meios de comunicação para danificar a imagem feminina e favorecer uma atitude crítica frente aquilo que estamos acostumados a ver como natural e normal”.

⁴ “[...] mulheres como o mal do homem: perigosas, perversas, infiéis, hipersexuais, etc. Tais construções contribuem para legitimar a violência contra as mulheres e por onde, sua coisificação.”

As *hashtags*⁵ “Meu amigo secreto” e “Meu primeiro assédio” configuram-se em relatos de experiências de agressões físicas ou psicológicas nos quais se apresentam o sofrimento vivenciado por mulheres vítimas de violências. Esse protagonismo da mulher violentada aparece como uma onda crescente, a qual estimulou milhares de participantes a sentirem-se encorajadas por seus pares para relataram os abusos sofridos. Essas manifestações subvertem as formações discursivas que

[...] justifican la violencia, especialmente contra las mujeres, anuando a la tradición patriarcal em la cual se privilegiaba la autoridade masculina dentro del hogar y, com ella, el poder absoluto del varón dentro del ámbito domestico y em el ámbito público.⁶ (TREVINO-FLORES e ESPARZA, 2016, p.731 *apud* GARCIA, 2007).

Contra o controle estatal sob o corpo feminino e as mais diversas formas de violências advindas deste posicionamento, dentre estas violências físicas, sexuais e verbais, as mobilizações objetivavam “[...] colocar o corpo feminino dentro de uma perspectiva, que não aquela do sujeito passivo e coadjuvante predominante nas sociedades patriarcais.” (SILVA, 2016, p.755).

Assim como a “Marcha das Vadias”, uma das primeiras iniciativas femininas organizada na última década e com auxílio instrumental da internet, essa marcha foi promovida em sua primeira edição por mulheres canadenses que em 2011 foram às ruas de Toronto- CA⁷, movidas pelo sentimento de injustiça, logo após um estupro, no qual a sugestão policial para solucionar o problema era para que as mulheres parassem de se vestirem como vadias. “[...] As mulheres se mobilizaram valendo-se da estratégia que o movimento *Queer* já havia adotado: subverter o termo ‘vadia’ de sua conotação negativa para usá-lo de forma debochada contra a violência que ele pretende perpetuar.” (RODRIGUES, 2018, p.05).

Ao usarem a linguagem sexista de forma ressignificada, as mulheres questionaram os discursos que coisificavam suas existências e criaram um “[...] imaginario colectivo patriarcal se piensa que la mujeres deben estar sometidas a ciertos cánones, principios y normas y

⁵ Nota da autora, *hashtags* são palavras-chave usadas para agrupar por similaridade, palavras-chave de um determinado assunto.

⁶ Tradução da autora: “[...] justificam a violência, especialmente contra as mulheres, adotando a tradição patriarcal a qual se privilegia a autoridade masculina dentro do lar e, com ela, o poder absoluto do homem dentro do âmbito doméstico e público.”

⁷ Informação obtida no Diário de Pernambuco, acesso em 28 de fevereiro de 2018 <http://www.diario.depernambuco.com.br/app/noticia/vidaurbana/2017/05/27/interna_vidaurbana,706031/mulheres-vao-as-ruas-pelo-fim-do-feminicidio-na-marcha-das-vadias.shtml>.

cuando no se cumplen estos mandatos culturales se ejerce violencia sobre ellas”⁸ (TREVINO-FLORES e ESPARZA, 2016, p.732). Tudo isso ao justificar a necessidade da criação de outras ações discursivas sobre as mulheres e o levante feminista.

O Feminismo enquanto movimento de luta social abriu portas para discussões e reformulações emergenciais, como a emancipação política da mulher, a desnaturalização da violência e a questão da desvalorização de características ditas como femininas, uma observação mais aprofundada da maneira como as mulheres foram discursivamente inseridas nas mais diversas sociedades ao longo da história (GARCIA, 2011; ROCHA *et al.*, 2020).

A história sempre esteve ligada a pautas emergências que em alguns casos correspondiam à luta por direitos básicos, negados às mulheres, como a liberdade sobre seus próprios corpos, e o acesso/permanência à educação formal.

Foi assim na Revolução Francesa, quando as mulheres denunciaram que o corpo feminino estava excluído da concepção de universidade; foi assim quando as sufragistas lutaram para ter seu corpo contado como eleitoras e, com isso, aprimoraram os sistemas de representação democrática; tem sido assim desde a segunda metade do século XX, quando a segunda onda feminista se levantou contra a violência exercida sobre o corpo das mulheres e a terceira onda permitiu perceber que a violência é contra todo corpo que carregue a marca da feminilidade [...]. (RODRIGUES, 2018, p.05).

De forma sintática, Rodrigues (2018) pontua sobre a história do movimento feminista de sua origem por uma busca de cidadania ativa por meio do voto, até a discussão sobre fluidez dos corpos e a binarização dos gêneros e vivências da sexualidade a partir dos estudos de gênero. E este compreendido como um conceito que enfatiza a construção social e histórica das características determinadas para mulheres e homens nas variadas sociedades, conceito que “pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou, então, como são trazidas para prática social e tornadas parte do processo histórico.” (LOURO, 1997, p.22).

O conceito é ampliado a partir dos estudos da teórica hegeliana Judith Butler, assim, temos um novo paradigma acerca do sujeito do Feminismo, uma nova corrente de pensamento crítico. Ao fugir do normativo quando pensamos no sujeito base desse movimento social, que seria a construção do sujeito “Mulher”, tentando escapar também do universalismo, que

⁸ Tradução da autora: “[...] imaginário coletivo patriarcal pensa-se que as mulheres devem estar submetidas a certos cânones, princípios e normas. E quando não se cumprem esses mandatos culturais, a violência é exercida sobre elas.”

coloca as mulheres como sendo todas iguais, num discurso raso sobre equidade, criando uma operacionalidade política para essa categoria.

Butler (2003, p.19) aponta também para a compreensão polêmica que a mulher enquanto categoria e sujeito do feminismo “[...] é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca-se a emancipação”. Forma-se, assim, a emancipação dentro de uma questão problemática: como superar as barreiras de um sistema, organizado desde as raízes de sua estrutura como repressor?

Um debate e uma possibilidade diferente se contextualizam com os estudos Foucaultianos, em que a noção de repressão estatal tem outra configuração, o sistema acima mencionado não apenas exerceria um papel repressor, como também poderia ser criador de instrumentos operacionais para manutenção de sua existência, servindo também de instrumentos para que os sujeitos possam subverter sua regulação.

Desta forma, neste trabalho buscamos identificar quais são as práticas discursivas e não discursivas sobre as mulheres vítimas de violência na sociedade e os discursos produzidos por essas mulheres ao prestarem atenção nelas próprias, para se decifrem, para se reconhecerem e se confessarem como sujeitos, como elas cuidam de si e se autogovernam ou não. Mais especificamente, objetivamos analisar as práticas discursivas e não discursivas sexistas sobre as mulheres vítimas de violência doméstica presentes na sociedade - em especial na mídia, família e mercado de trabalho, além de realizar a análise discursiva das próprias narrativas discursivas de vítimas de violências doméstica, aquela que essas mulheres criam das suas próprias histórias, e por fim visamos analisar quais seus efeitos de sentido e como estes contribuem para o aumento ou não da violência contra a mulher.

Introduzimos esta pesquisa abordando, mesmo que brevemente, a questão da linguagem sexista enquanto produtora de discursos, que ajudam a compor socialmente a compreensão sobre as mulheres. Nos capítulos seguintes retornaremos à temática juntamente com as teorias Foucaultianas, pensando sobre: quais discursos constituem o imaginário social de mulheres em situação ou vítimas de violência doméstica? Quais construções discursivas essas mulheres produzem sobre suas próprias narrativas? E por fim, tentamos aliar essa base teórica ao que vem sendo trabalhado na rede de reinserção e proteção social de mulheres vítimas de violência doméstica.

Questões que foram divididas nos próximos capítulos desta tese, da seguinte maneira: no Capítulo 1, intitulado “Movimento Feminista e a linguagem não sexista”, utilizamos o desenvolvimento do movimento feminista enquanto fio condutor para discutir sobre o sujeito

do feminismo e a compreensão dos estudos Foucaultianos a respeito da construção do mesmo, como a linguagem se relaciona às mulheres nesta discussão. No Capítulo 2 – “Violência contra a mulher: contexto histórico, a Lei e a história” – apresentamos a problematização no sentido de analisar a questão da violência contra a mulher e a violência doméstica. Mais uma vez seguindo o fio do movimento feminista, e seu papel na criação de leis e redes de apoio às mulheres vítimas de violências. Já no Capítulo 3 – “O sexismo na sociedade: narrativas da mídia, na política, nas relações familiares e no trabalho” – abordamos brevemente os sexismos que ainda transpassam pela mídia na atualidade e, conseqüentemente, em diversos outros ambientes sociais em que mulheres podem se tornar vítimas deste tipo de preconceito (na política, no trabalho, em seu próprio lar, e etc.). No Capítulo 4 – “Violência doméstica, poder e o cuidado de si” – discutimos a complexa rede discursiva sobre violência contra a mulher juntamente com os estudos de Foucault e seu entendimento sobre o poder e o cuidado de si na sociedade contemporânea. No Capítulo 5 – “Caminhos metodológicos” – estão descritos detalhadamente os percursos metodológicos e procedimentos realizados para a obtenção dos resultados da pesquisa de campo apresentados neste estudo. Por fim, no Capítulo 6 – “Resultados e discussão” – apresentamos os dados e análises dos resultados quantitativos e qualitativos através da análise Foucaultiana dos discursos produzidos por mulheres vítimas de violências domésticas.

Resumidamente, com o caráter de sistematizar os procedimentos utilizados durante essa pesquisa, foram realizadas as seguintes etapas: revisão bibliográfica, pesquisa documental (utilizando prontuários médicos como material empírico) e pesquisa de campo. Metodologicamente este estudo está inserido dentro de uma abordagem qualitativa, utilizando as relações sociais como fonte direta de dados e fenômenos.

Sendo assim, foram analisadas as relações discursivas sobre a mulher vítima de violência doméstica e sua potência de vida a partir das teorias Foucaultianas, em seu contexto histórico. Essa teoria assenta-se no método genealógico Foucaultiano, ou seja, o estudo ao longo do tempo e da história do poder-saber dos jogos de verdade, no que tange às mulheres; os dispositivos linguísticos e não-linguísticos que conduzem uma determinada verdade à ação sobre às mulheres que geram a violência; e a identificação da maneira como se deu a constituição das mulheres violentadas em suas práticas de si e dos outros, de subjetivação e assujeitamento.

Partimos da definição de pesquisa qualitativa como aquela que “[...] envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação

estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.” (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.13). Os participantes, tanto quanto o pesquisador, são importantes para este tipo de investigação. Dessa forma há a necessidade de uma interação de ambas as partes envolvidas (pesquisador/sujeitos pesquisados).

Este estudo procurou olhar para o seu objeto de saber, não de forma a julgá-lo como certo ou errado, normal ou anormal, verdade ou mentira. Mas tratando de apreender a construção do sujeito em como este faz “a experiência de si mesmo em um jogo de verdade” (FOUCAULT, 2004, p.237). Essa pesquisa, portanto, coaduna-se com Foucault quando ele assevera:

Meu problema era fazer eu mesmo, e de convidar os outros a fazerem comigo, através de um conteúdo histórico determinado, uma experiência do que somos, do que não é apenas nosso passado, mas também nosso presente, uma experiência de nossa modernidade de tal forma que saíssemos transformados. (FOUCAULT, 2010a, p.292).

A abordagem qualitativa ligada às pesquisas em educação e às relações sociais levou a pesquisadora a refletir muito sobre as mesmas, proporcionando reflexões e possibilitando a reformulação e a constante análise das diversas formas metodológicas aplicadas neste estudo, levando em consideração também fatores como a complexidade educacional e social, não nos limitando simplesmente às análises superficiais de dados. Tal como explicam Lankshear e Knobel (2008) sobre pesquisas qualitativas em:

[...] para entender o mundo, precisamos concentrar-nos nos contextos - o que, diversamente, envolve prestar atenção à história, à temática, ao uso da linguagem, aos participantes de um evento em especial, a outros acontecimentos que ocorram ao mesmo tempo [...]. (LANKSHEAR e KNOBEL, 2008, p.35).

Dentro dessa abordagem metodológica a pesquisa caracteriza-se como participante, pois existe a interação entre os sujeitos e a pesquisadora. “A descoberta do universo vivido pela população implica compreender, numa perspectiva interna, o ponto de vista dos indivíduos e dos grupos acerca das situações que vivem.” (GIL, 2002, p.150). Escolhemos esta metodologia porque a “[...] sistematização enfatiza o papel da memória coletiva, reconhece a complexidade dos fenômenos sociais e valoriza a diversidade de linguagens para nomear e interpretar a realidade.” (STRECK e ADAMS, 2012, p.247). Os dados coletados neste trabalho são únicos, fazendo parte das relações sociais pesquisadas e das práticas observadas,

ou como afirma Foucault (2007), fazem parte das condições de possibilidade de um discurso. A metodologia e a temática escolhida se relacionam com as transformações na forma de existir e pensar a existência, como observam Meyer e Paraíso (2014),

[...] não podemos mais pesquisar do mesmo modo que, em outros tempos, investigamos em educação e em currículo. Por isso, em nossas pesquisas, ampliamos nossas categorias de análise que deixaram de priorizar apenas classe social e passaram a atentar e a operar com questões de gênero, sexualidade, raça/etnia, geração, idade, cultura, regionalidade, nacionalidade, novas comunidades, localidades, multiculturalidade, etc. (MEYER e PARAÍSO, 2014, p.29).

A pesquisa de campo foi realizada em um Centro de Referência de Atendimento à Mulher - CRAM da rede pública de atendimento social de um município do interior paulista. Estes centros de atendimentos são direcionados aos cidadãos, grupos e famílias que se encontram em situação de risco e vulnerabilidade social, os serviços prestados são pensados nos níveis de proteção básica e especial. A proteção básica é destacada pela prevenção de risco social e trabalha na socialização e convivência familiar (capacitação pessoal e profissional, cursos e oficinas, e etc.). Já a proteção especial atende sujeitos cujos direitos foram violados, onde laços familiares e comunitários foram rompidos ou fragilizados. Este estudo foi desenvolvido junto ao atendimento de proteção especial, focando exclusivamente nas usuárias do atendimento social vítimas de violência doméstica, entre os anos de 2020 e 2021.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

E2: Eu me arrependi de não ter tomado essa decisão antes sabe, que aconteceram muitas coisas, tiveram que acontecer muitas para mim poder acordar. Sendo que eu poderia ter evitado, eu poderia ter evitado se eu tivesse posto um basta nisso. **Na semana em que ele foi preso eu perdi a minha mãe faleceu, ó ela morreu assim muito triste, ela chegou para pedir pelo amor de Deus para mim nunca mais voltar com ele são coisas que marcam né? deixam marcas profundas né.** [...] **Sabe eu sempre achava que ele ia mudar,** porque quando ele estava sem droga, quando ele estava sem o uso ele é outra pessoa. Parecem duas pessoas você tá entendendo? Aí sempre ficava com aquela coisa na cabeça **ele vai mudar, ele vai mudar.** (Apêndice 4, p.186)

A fala acima foi coletada durante as entrevistas realizada para a pesquisa, nela temos exemplos das duras consequências, as marcas, da violência na vida desta mulher, marcas que são compartilhadas por muitas e de diversas formas. Em destaque temos também uma exemplificação da esperança de mudança de transformação, “ele ai mudar”, mas a mudança teve que partir dela, teve que encarar a verdade material de sua vida, cuidar de si primeiro para então cuidar de seus cinco filhos.

E4: Assim eu acho importante isso para as mulheres, **tem muitas mulheres que vive a agressão não tem coragem né de falar, eu no início, eu tinha vergonha na verdade.** Então eu ia na assistente social daqui da frente e só chorava, desabafava, mas não procurava uma coisa concreta, devido à vergonha que a gente fica né. Eu cheguei até comentar com a *****⁷⁴, ontem, que as vezes não tenho nem vontade de sair de casa, porque eu sei que tem muita gente que aponta, “Ah apanhou!”, outro fala isso ou fala aquilo né, **mas depois que eu comecei a conversar com a ***** e ser acompanhada, foi aí que eu comecei a ficar mais tranquila.** (Apêndice 4, p. 180)

Esse segundo trecho temos mais uma fala, que reitera o que foi demonstrado durante o trabalho, a questão da vergonha, o medo da humilhação pública e a importância o acompanhamento profissional, e de uma rede apoio, como base para a superação das situações de violência.

Demonstrando também a coragem de percorrer o caminho mais desafiador, para encontrar a própria verdade, se modificando sua vida, tornando-se sujeito do enunciado, ao serem obrigadas conhecer-se, bem como conhecer os limites que se fazem necessários para estabelecimento de relações afetivas. Passando a praticar a verdade e os conhecimentos

⁷⁴ Assistente Social do CRAM.

aprendidos sobre elas mesmas, exemplificadas na busca de uma rede de apoio já antes comentadas, seja nos serviços institucionalizados ou de amigos e familiares próximos.

Outro passo tomado pelas entrevistadas foi de estabelecidas as bases de modificação em busca de um modo de existência mais ético, houve conjuntamente a quebra do ciclo de violência. Para algumas com múltiplas tentativas, até a saída definitiva, que em alguns dos casos estudados se concretizou somente com a prisão do agressor.

Neste estudo buscamos compreender como a linguagem, dentro das relações de poder assimétricas entre mulheres e homens terminam por construir discursivamente a imagem de mulher (enquanto sujeito). Muitas vezes culpada pela própria violência sofrida, deslegitimada socialmente e tratada como objeto da autoridade de outro, por outras pessoas (companheiros e familiares) e por outras instâncias da vida (como instituições de atendimento público).

Em contrapartida à essa torrente de regularidades discursivas acerca da mulher, do corpo feminino e dos que performam feminilidade, temos os recentes levantes femininos. Movimentos de resistências que criticam as relações de poder/saber estabelecidas, numa luta constante por direitos basilares e pela representação do ser mulher que englobe os variados modos de existência. Movimento que significou (significa) a ruptura e a denúncia, tornando-se um acontecimento discursivo, quebrando paulatinamente com o que se vinha sendo construído/produzido sobre as mulheres, principalmente por serem manifestações femininas, demonstração da maturidade moral e entendimento da necessidade do autogoverno.

O movimento Feminista operou e opera juntamente com estudos e posicionamentos críticos, influenciando todo um século de ciências e propondo toda uma reelaboração dos discursos social, jurídico, médico e até mesmo pedagógico, ao sinalizar que a educação das meninas também deveria prepará-las para a vida e atividades no âmbito público da sociedade.

Os estudos Foucaultianos, nesse sentido, nos fazem perceber que este sujeito social, pode ter estado por vezes imbuído num aparente sono antropológico⁷⁵, mas nunca de fato adormecido ou dominado, experienciando de forma múltipla as assimetrias de poder. Logo que não há poder sem resistência, como podemos observar através de outros estudos sobre a mulher nas últimas décadas⁷⁶.

Nesse sentido entendemos que o objetivo geral da pesquisa - analisar as práticas discursivas e não discursivas sexistas, sobre as mulheres vítimas de violência doméstica presentes na sociedade e a análise discursiva das próprias narrativas discursivas, que essas mulheres criam das suas próprias histórias, foi desenvolvido de maneira satisfatória,

⁷⁵ KREAMER

⁷⁶ Como, AUAD, 2003.

principalmente ao entendermos que as participantes passaram por muitos momentos de silenciamentos anteriores ao desenvolvimento desta pesquisa, conforme relatado por elas mesmas.

Mas também pudemos perceber durante a pesquisa uma perceptível noção da presença de combinação dos diferentes discursos, tendo sua materialidade nas ações tomadas a partir destes, como o entendimento de algumas das mulheres acerca dos mecanismos de proteção jurídica, materializado nas medidas de proteção de urgência, garantia de que seu agressor não poderia mais se aproximar.

Observamos que os dispositivos amoroso e materno possuem dupla função para as mulheres vítimas de violências domésticas: se por um lado às mantém reféns no ciclo de violência, por outro às despertam para o cuidado de si e do outro, quando as agressões são direcionadas aos filhos. Os dispositivos institucionais (tal como as Leis, as delegacias e os centros de referências) atuam e podem atuar de maneiras diversificadas no processo de autogovernabilidade destas mulheres. Isto porque os atendimentos dos funcionários destas instituições possuem uma enorme influência para a resolução ou não de seus casos, existindo a reclamação constante e concisa do descaso de policiais para com as vítimas de violências domésticas.

No decorrer do trabalho tentamos responder nossa primeira pergunta geradora: como superar as barreiras de um sistema, organizado desde as raízes de sua estrutura como repressor? O que encontramos ao final foi, ainda mais perguntas, logo que em nenhum dos relatos demonstrou “uma receita”, cada mulher teve seu próprio caminho de autoconhecimento, descobrimento das próprias verdades, tendo como fator decisivo o reconhecimento das violências sofridas, a buscar por suporte e mecanismos legais, sempre como muitos reveses, incertezas e recaídas.

Nas entrevistas e nos casos de forte apelo midiático, temos torrentes de ações que evidenciam o papel do patriarcado ao esconder, maquiagem ou até mesmo defender o agressor. Que tua dentro desta estrutura como uma das engrenagens de manutenção dos saberes/poder, de forma consciente ou não.

Desta forma, não podemos dizer que concluímos esta tese, mas a encerramos com o entendimento de que o movimento de resistências das mulheres vítimas de violências domésticas, enquanto um contraponto a ideia de sujeição, é um processo individual, autotransformador e progressivo. São necessárias maiores garantias no formato de leis e de dispositivos institucionais para que os direitos das mulheres sejam absolutamente garantidos

em nosso país. No Brasil a violência doméstica é caracterizada como uma endemia, ou seja, atinge todos os seus territórios e afeta todas as mulheres brasileiras.

Entendemos que o levantamento de dados e as análises realizadas neste estudo podem se somar aos dados nacionais e aos publicados em outras pesquisas, contribuindo principalmente na elucidação dos fatores que levam as mulheres à se deslocarem das situações de agressão e violência, quando elas despertam para o cuidado de si, podendo contribuir também na elaboração de projetos educativos que instituem protocolos de atendimentos em instituições que recebem mulheres vítimas de violências domésticas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C. M. **Ordenações Filipinas**. Livro IV. Ed. Fac-sím. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.
- ALMEIDA, T. M. C. Violência contra as mulheres no Brasil- Leis, políticas públicas e estatísticas. In: ABREU, M. A. **Redistribuição, Reconhecimento e Representação: diálogos sobre igualdade de gênero**. Brasília: Ipea, 2011.
- ALVES, W. A; OLIVEIRA, M. T. A lei Maria da Penha e o enfrentamento à violência contra a mulher. In: AZEVEDO NETO, C. A; MARQUES, D. O. **Leituras de direito: violência doméstica e família contra a mulher**. Natal, RN: TJRN, 2017.
- AUAD, D. **Feminismo: que história é essa?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- BARROS, A. L.; SILVA, G. A. G. Femicídio: O papel da mídia e a culpabilização da vítima. **Jornal Eletrônico Faculdades Integradas Vianna Júnior**. 11, 2, out., 2019. Disponível em: <<https://jefvj.emnuvens.com.br/jefvj/article/view/729/719>>. Acesso em: 18/05/2022.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo - a experiência vivida**; tradução de Sérgio Millet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.
- BENTO, M. A. S. Raça e gênero no mercado de trabalho. In M.I.B. ROCHA (Org.). **Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios**, pp. 295-307. Campinas: ABEP, NEPO/UNICAMP e CEDEPLAR/UFMG; São Paulo: Editora 34. 2000.
- BIANCHINI, A. Por que as mulheres não denunciam seus agressores? Com a palavra, a sociedade. **Jusbrasil online**, 2012. Disponível em: <https://professoraalice.jusbrasil.com.br/artigos/121813993/por-que-as-mulheres-nao-denunciam-seus-agressores-com-a-palavra-a-sociedade>. Acesso em 23/05/2022.
- BIANCHINI, A. A violência de gênero constitui uma forma de violação dos direitos humanos. **Revista Jurídica da Universidade do Sul de Santa Catarina**, Ano IX, Nº 17, Julho a Dezembro, 2018.
- BORGES, M. A. O cogito sob duas perspectivas: uma análise sobre a interpretação representativa do ponto de partida do pensamento cartesiano. **Kínesis**, Vol. III, nº 06, Dezembro 2011, p. 184-199.
- BOSQUE, I. Sexismo lingüístico y visibilidad de la mujer. **El País**, 03 mar, 2012. Disponível em: < https://elpais.com/cultura/2012/03/02/actualidad/1330717685_771121.html>. Acesso em 22/05/2021.

BRABO, T. S. A. M. **A pedagogia do Movimento Feminista na luta contra o preconceito e pelos direitos das mulheres.** In: Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero. Florianópolis: UFSC, 2006.

BRAIDA, C. R. **Filosofia da Linguagem.** Florianópolis: FILOSOFIA/ EAD/UFSC, 2009.

BRASIL. Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940. **Código Penal.** Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 31 dez.

BRASIL. Lei 11.340/06, de 7 de agosto de 2006, (**Lei Maria da Penha**).

BRASIL. Ministério da mulher, família e Direitos Humanos. **Violência Sexual.** 2020. Acesso em: 06 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/dados-e-indicadores/violencia-sexual>

BRASIL. Presidência da República. **Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres.** Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2011a.

BRASIL. Presidência da República. **Rede de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres.** Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2011b.

BRASÍLIA. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Balancos dos dados da Central 180.** Brasília: SPM/PR, 2012 a 2015. 2019.

BRASÍLIA. **Lei nº 13.431**, de 04 de abril de 2017. Acesso em: 06 de maio de 2019.

BRASÍLIA. Senado. Dialogando sobre a Lei Maria da Penha. Brasília: **Instituto Legislativo Brasileiro**, 2015. Acesso em: 20 de Abril de 2020. [Instituto Legislativo Brasileiro - ILB \(senado.leg.br\)](http://www.institutolegislativo.org.br)

BRASÍLIA. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005. Comitê para a Eliminação da Discriminação contra a Mulher: **CEDAW.** Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres.

BUENO, S.; BOHNENBERGER, M.; SOBRAL, I. A violência contra meninas e mulheres no ano pandêmico. In: **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**, 2021. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/07/6-a-violencia-contra-meninas-e-mulheres-no-ano-pandemico.pdf>> Acesso em: 13/05/2022.

BUENO, S.; LIMA, R.S. Violência contra a mulher: um desafio para o Brasil. In: **Visíveis e (In)visíveis: a vitimização das mulheres no Brasil.** 2ª edição. 2019. Disponível em: <https://assets-dossies-ipg-2.nyc3.digitaloceanspaces.com/sites/3/2019/02/FBSP_2018_visivel-invisivel-vitimizacao-de-mulheres.pdf> . Acesso em: 18/05/2022.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANDIOTTO, C. Governo e direção de consciência em Foucault. **Natureza Humana**, n.10, jul-dez, 2008.

CAMPOS, T. S.; CASTRO, R. O. Um rosto na areia: o sujeito em Foucault. **Tempo Social**, [S.l.], v. 29, n. 3, p. 313-331, 2017. DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2017.117546. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/117546>>. Acesso em: 30/05/2021.

CERQUEIRA, Daniel. *et al.* **Atlas da Violência 2021**. São Paulo: FBSP, 2021.

CERQUEIRA, D; MOURA, R; PASINATO, W. **Participação no mercado de trabalho e violência doméstica contra as mulheres no Brasil**. Texto para discussão / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: Ipea, 2019.

CORDEIRO, F. R. O conceito de sujeito: possibilidades para pensar com Foucault. **Revista Diálogos** – N.12 – Set./ Out, 2014.

COSTA, H. S. Poder e violência no pensamento de Michel Foucault. **Sapere Aude**. Belo Horizonte, MG, v.9, n.17, p153 – 170, jan/jun, 2018.

COUTO, M. C. A. SAIANI, C. C. S. Dimensões do empoderamento feminino no Brasil: índices e caracterização por atributos locacionais e individuais e participação no Programa Bolsa Família. **R. bras. Est. Pop.**, v.38, 1-22, e0147, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbepop/a/FjLVCbPchwKzFDbG4rQsVdL/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 24/05/2022.

DAFLON, V. T.; COSTA, D. T.; BORBA, F. Gênero, feminismo e geração: uma análise dos perfis e opiniões das mulheres manifestantes no Rio de Janeiro. **Cadernos Pagu**, 61, 1-20, 2021. Disponível em: <doi:<https://doi.org/10.1590/18094449202100610002>>. Acesso em 24/09/2022.

DEL PRIORE, M. **Histórias e conversas de mulher**. 2ªed, São Paulo: Planeta, 2014.

DELEUZE, G. O que é dispositivo. In: DELEUZE, G. **O mistério de Ariana** (pp. 83-96). Lisboa: Vega. Passagens. Lisboa, 1996. Tradução e prefácio de Edmundo Cordeiro.

DESCARTES, R. **Meditações**. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Nova Cultural, 1991. p. 177.

DIAS, M. P; DINIZ, G. R. S. **Policiamento Orientado ao Problema, acesso à Justiça e à Assistência Psicossocial: Uma tríade de sucesso no combate à violência doméstica e familiar no DF**. IN BRASÍLIA: Histórias de amor tóxico: a violência contra as mulheres. – Brasília: Senado Federal, 2020.

FERNANDES, C. A. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

FERNANDES, M. P. M. **Sobrevivi**: posso contar. 2ªed. Fortaleza, CE: Armazém da Cultura, 2012.

FERNANDES, L. M. Traduzir a língua do medo para superar a cultura de estupro. **Periódico do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Direito Centro de Ciências Jurídicas -**

Universidade Federal da Paraíba Nº 01, pp. 339-357, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ged/index>>. Acesso em 28/05/2022.

FERREIRA, M. B. O.; TRINDADE, P. R. S. L.; NOGUEIRA V. M. M.; LOURENÇO, L. M. O sexismo como instrumento de legitimação da violência contra a mulher. In **Estudos contemporâneos sobre violência e agressividade humana**. Organização Lelio Moura Lourenço... [et. al.], Juiz de Fora, MG : Editora UFJF, 2021.

FIGUEIREDO, F. P. Arte de viver, modos de vida e estética da existência em Michel Foucault. **Ítaca**, Rio de Janeiro, nº 15, 2010.

FONSECA, J. P. A. Considerações sobre a constituição do sujeito do cuidado de si no pensamento de Michel Foucault. **VERITAS**: Porto Alegre, v.57, n.1, jan/abril, 2012. P-143-152.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade II**: o uso dos prazeres. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Organização, introdução e revisão técnica Roberto Machado. 13. ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FOUCAULT, M. **Ditos & Escritos II** – Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: Uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail, 8ªed, São Paulo: Martins Fontes, 2002b.

FOUCAULT, M. **Verdade, poder e si mesmo**. In: MOTTA, M. B. (org.). Ética, sexualidade, política. 2 ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. Curso dado no Collège de France, 1981-1982. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. Trad. Maria E. A. P. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. 21. ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2002b.

FREGÉ, G. Sobre o sentido e a referência. **Fundamento – Rev. de Pesquisa em Filosofia**, v. 1, n. 3, maio/ago. 2011.

FURTADO, R. F. Por um governo de si mesmo: Michel Foucault e a estética da existência. **Paralaxe**, São Paulo, v.1, nº1, p.51-57, 2013.

GALVÃO, B.A. A ética em Michel Foucault: do cuidado de si à estética da existência. **Intuíto**, Porto Alegre, vol.7, nº.1, Junho, p.157-168, 2014.

GAMA, M. S. B; ZANELLO, V. Dispositivo amoroso e tecnologias de gênero: uma investigação sobre a música sertaneja brasileira e seus possíveis impactos na pedagogia afetiva do amar em mulheres. In: SILVA, E. O; OLIVEIRA, S. R; ZANELLO, V. (orgs) **Gênero, subjetivação e perspectivas feministas**. Brasília, DF: Technopolitik, 2019. Disponível em: <<http://www.technopolitik.com.br/downloads/files/Genero%20Subjetivacao%CC%A7a%CC%83o%20e%20PerspectivasFeministas.pdf>> Acesso em: 26/08/2022.

GARCIA, C. C. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011.

GARCIA, J. M. Misoginia e Sexismo na Mídia Impressa: Uma análise da construção da imagem e estereótipos relacionados às candidatas à Presidência da República de 1989 a 2018. **Anais completos do 13º Interprogramas Cáspes Pesquisa**. São Paulo-SP, 11, 12 e 13 de abril de 2019. ISSN: 2176-4476

GARCIA, L. P.; DUARTE, E. C.; FREITAS, L. R. S.; SILVA, G. D. M. Violência doméstica e familiar contra a mulher: estudo de casos e controles com vítimas atendidas em serviços de urgência e emergência. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 32(4): abr, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00011415>>. Acesso em 26/05/2022.

GARCÍA, M. N. **La igualdad de la mujer y la violencia de género en la sociedad informada**. Madrid: Dykinson, 2007.

GARRÉ. B. H; HENNING, P. C. Travessias de uma pesquisa: mapeando algumas ferramentas metodológicas da análise do discurso em Michel Foucault. **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, v. 22, n. 2, p. 300-319, maio/ago. 2017.

GAVA, L. L. O sujeito da segunda meditação: como uma coisa que pensa. **Investigação Filosófica**: vol. 3, n. 1, artigo digital 4, 2012.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, M. M.; FERRERI, M.; LEMOS, F. O cuidado de si em Michel Foucault: um dispositivo de problematização do político no contemporâneo. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 30, n. 2, p. 189-195, maio-ago. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.22409/1984-0292/v30i2/5540>>. Acesso em 28/05/2022.

HELLMAN, F; VERDI, M. Contribuição da genealogia de Michel Foucault à bioética: aspectos metodológicos para o estudo de dispositivos do biopoder. **Cad. de Pesquisa**, Florianópolis, vol. 15, nº 107, p 158-179, ago/dez, 2014.

HUESGEN, H. D. Pensamento e Linguagem: horizontes duma nova Filosofia, Segundo Ludwig Wittgenstein. **Revista Portuguesa de Filosofia**, 38(1), 29–43. 1982. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/40336498>>. Acesso em: 04/10/2021.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO/DATA POPULAR. **Percepção da sociedade sobre violência e assassinatos de mulheres**. São Paulo: Instituto Patrícia Galvão/Data Popular. 2013. Disponível em: https://assets-institucional-ipg.sfo2.cdn.digitaloceanspaces.com/2013/08/livro_pesquisa_violencia.pdf>. Acesso em 26/08/2022.

KRAEMER, C. Michel Foucault: o governo de si e dos outros. **Hist. R.**, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 199-211, jan./jun. 2010.

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. **Pesquisa pedagógica: do projeto à implantação**. Tradução Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2008.

LERNER, G. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Tradução Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

LIMA, M. E. O. **Psicologia social do preconceito e do racismo**. São Paulo: Blucher Open Access, 2020. 142p. Disponível em: <file:///C:/Users/Gebruiker/Desktop/OpenAccess-Lima-9786555500127%20(1).pdf>. Acesso em 06/08/2021.

LOUREIRO, M. **O gênero no discurso de opinião na Imprensa Portuguesa**. Covilhã: Livros Labcom, 2014. Disponível em: <<http://labcom.ubi.pt/livro/114>>. Acesso em 01 fev. 2021.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 14-36.

LOURO, G. L.; WEEKS, J.; BRITZMAN, D.; HOOKS, B.; PARKER, R.; BUTLER, J. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª Edição, Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LUGARINHO, M. C. Masculinidade e colonialismo: em direção ao “homem novo”. **Revista do núcleo dos estudos de literatura Portuguesa e Africana da UFF**, vol.5, abril, 2013.

MACHADO, L. Z. **Perspectivas em confronto: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo?** In: Sociedade Brasileira de Sociologia (Ed.) Simpósio Relações de Gênero ou Patriarcado Contemporâneo, 52ª Reunião Brasileira para o Progresso da Ciência. Brasília: SBP. 2000. Disponível em: <http://dan.unb.br/images/doc/Serie284_empdf.pdf>. Acesso em 23/05/2022.

MAGALHÃES, B. M. **De amar muito mesmo, eu tava sem lugar pra mim”: afetos, subjetividade e dispositivos de gênero em mulheres que sofreram violência por parceiro íntimo**. Dissertação de mestrado, UNB, 2021.

MCLAREN, M. **Foucault, Feminismo e Subjetividade**. São Paulo: Intermeios, 2016.

MEDEIROS, L. V. A. **Essa língua não me representa: discursos sobre a língua e gênero**. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em letras, UFRS. Porto Alegre, 2016.

MEDINA, J. **Linguagem: conceitos-chave em filosofia**. Porto Alegre: Artmed, 2007. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536309644/>>. Acesso em: 21/09/2021.

MELO, S. M. Judith Butler e “a questão do sujeito” no feminismo um debate com Seyla Benhabib. **Revista Pólemos**, V.10, n.19, 2021. Disponível em:<<https://doi.org/10.26512/pl.v10i19.34617>>. Acesso em: 25/09/2022.

MENDES, I. B. S; GLEYSE, J. O cuidado de si em Michel Foucault: reflexões para a Educação física. **Movimento**, Porto Alegre, V.20, nº esp. P. 507-520, 2015.

MENDONÇA, R. Ao prestar queixa de agressão de namorado, vítima diz ter ouvido de delegado: 'Vai pra casa, resolve na conversa'. **BBC News Brasil**. 10 dez., 2015. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151208_depoimento_mulher_violencia_rm>. Acesso em 22/05/2022.

MERLIM, N. J. F. **A linguagem em Foucault**. Tese de doutorado. Universidade de Lisboa, Pt. Departamento de Filosofia, 2007.

MEURER, C. F. Do mundo para a linguagem: a verdade no atomismo lógico de Russell. Porto Alegre: **Intuitio**, vol.7, Nº.1 Junho, p.182-191, 2014.

MIGUENS, S. **Filosofia da linguagem**: uma introdução. Porto, PT: Edições Faculdade de letras da Universidade do Porto, 2007.

MINAYO, M. C. S. Violência social sob a perspectiva da saúde pública. **Cad. Saúde Pública** n.10, suppl 1, 1994. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-311X1994000500002>>. Acesso em 02/05/2020.

MINAYO, M. C. S. Laços perigosos entre machismo e violência. **Ciência & Saúde Coletiva**, 10(1):18-34, 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/gvk6bsw36SPbzckFxmN6Brp/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 22/05/2022.

MINAYO, M. C. S. **Violência e saúde** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

MIRANDA, S. R. N. O artigo “Sobre o sentido e a referência” de Frege. **Fundamento – Rev. de Pesquisa em Filosofia**, v. 1, n. 3, maio/ago. 2011.

MURTA, S.G.; PARADA, P. O.Término de relacionamentos íntimos violentos: uma revisão da literatura. *Psicologia USP*, volume 32, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pusp/a/sPMY3ysryRLNrQXmZFT4VKb/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 28/09/2022.

NADARI, S. Nomes e pronomes na Língua Portuguesa: a questão sexista no idioma e na academia. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 29(3), 2021. Disponível em: <DOI: 10.1590/1806-9584-2021v29n374197>. Acesso em: 25/09/2022.

NASCIMENTO, G. **Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

NARDI, H. C; SILVA, R. N. Ética e subjetivação: as técnicas de si e os jogos de verdade contemporâneos. In: GUARESCHI, N; HÜNING, S. M. (orgs.) **Foucault e Psicologia**. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2005.

NEME, C.; SOBRAL, I. Violência contra a mulher: um desafio para o Brasil. In: **Visíveis e (In)visíveis: a vitimização das mulheres no Brasil**. 2ª edição. 2019. Disponível em: <

https://assets-dossies-ipg-2.nyc3.digitaloceanspaces.com/sites/3/2019/02/FBSP_2018_visivel-invisivel-vitimizacao-de-mulheres.pdf>. Acesso em: 18/05/2022.

NEVES, A. P. C.; MOREIRA, R. D.; NEVES, A. R. C.; LIMA, A. P. Do silêncio à notícia: porque analisar as narrativas jornalísticas e policiais. In **Violência doméstica e direitos humanos das mulheres**. [livro eletrônico], Org. Maynara Costa de Oliveira Silva, Laurinda Fernanda Saldanha Siqueira. 1. ed. São Luís, M: Editora Expressão Feminista, 2021.

OLIVEIRA, E. R. Violência doméstica e familiar contra a mulher: um cenário de subjugação do gênero feminino. **Revista LEVS/UNESP-Marília**, Edição 9 maio, 2012.

OLIVEIRA, M. P. **Violência contra as mulheres: reflexões sob viés da psicanálise de Freud e Lacan**. (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

PEREIRA, E. A. Sujeito e linguagem em *As palavras e as coisas*, de Michel Foucault. **Estudos semióticos**, vol 7, nº 2, p94-101, nov, 2011.

PEREIRA *et al.* **Femicídios no Brasil**. In Anuário Brasileiro de Segurança Pública. 2019, p.113. Disponível em: <https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/fbsp/anuario_brasileiro_de_seguranca_publica_fbsp_2019.pdf>. Acesso em 15/05/2022.

PINTO, C. R. J. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

PORTO, M. **A psicanálise na política para as mulheres em situação de violência: avanços e desafios**. Rio Branco - AC: EDUFAC, 2016.

PORTO, P. R. F. **Violência doméstica e familiar contra a mulher: Lei 11.340/06: análise crítica e sistêmica**. Imprensa: Porto Alegre, Livr. do Advogado, 2014. 160 p.

PRADO, D.; SANEMATSU, M. Org. **Femicídio #InvisibilidadeMata**. 2017. Fundação Rosa Luxemburg: São Paulo. Instituto Patrícia Galvão - Mídia e Direitos. Disponível em: <<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossies/femicidio/>>. Acesso em: 26/05/2022.

RIO GRANDE DO SUL. Manual para o uso não sexista da linguagem: o que bem se diz bem se entende. **Secretaria de Políticas para as Mulheres**, 2014.

RAGO, M. Foucault, os feminismos e o paradoxo dos direitos. **Dois pontos:**, Curitiba, São Carlos, volume 14, número 1, p. 229-241, abril de 2017. Disponível em:<<https://revistas.ufpr.br/doisPontos/article/view/56548#:~:text=A%20partir%20das%20an%C3%A1lises%20de,sexual%20e%20de%20g%C3%AAnero%20cometida>>.

REVEL, J. **Foucault: conceitos essenciais**. Trad Maria do Rosário Gregolim, Nilton Milanez, Carlos Piovesan. São Carlos: Claraluz, 2005. Acesso em: 26/09/2022.

ROCHA, M. A.; *et al.* **Do ódio e violência contra as mulheres - Respostas à pergunta: “Afinal, o que querem as mulheres?”**. Belo Horizonte - MG: Dom Helder, 2020. Disponível em: <<https://domhelder.edu.br/wp-content/uploads/2020/12/EBOOK-Afinal-o-que-querem-as-mulheres.pdf>>. Acesso em: 26/05/2022.

RODRIGUES, C. A revolução será feminista: 2017, o ano das bruxas em ação. **Rev. Le Monde Diplomatique Brasil**, Edição 126, 8 de janeiro de 2018. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/2017-o-ano-das-bruxas-em-acao/>>. Acesso em: 28/05/2020.

RUEDELLA, A. **Hermenêutica e linguagem em Schleiermacher**. Natureza Humana. São Paulo, v.14, n.2, 2012.

RUSSELL, B. **The Philosophy of logical atomism**. London: Routledge Classics, 2010.

RUSSELL, B. **Meu pensamento filosófico**. Tradução de Brenno Silveira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

RUSSELL, B. **Da denotação**. Tradução de Pablo Rúben Mariconda. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 3-14. (Os Pensadores).

RUSSELL, B. **A História do Pensamento Ocidental: a aventura dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Trad. Laura Alves; Aurélio Rabello. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

SAFFIOTI, H. I. B.; **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1976.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

SALES, S. R. Etnografia+netgrafia+análise do discurso: articulações metodológicas para pesquisa em Educação. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em Educaçao**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

SANEMATSU, M. Análise da Cobertura da Imprensa sobre Violência Contra as Mulheres. In **VIVARTA, Veet (coord.). Imprensa e Agenda de Direitos das Mulheres: Uma análise das tendências da cobertura jornalística**. Brasília: ANDI; Instituto Patrícia Galvão, 2011. Disponível em: <http://agenciapatriciagalvao.org.br/wp-content/uploads/2011/12/imprensa-e-agenda-dos-direitos-das-mulheres-2011.pdf>. Acesso em: 20/05/2022.

SANTOS, C. C.; IZUMINO, W. P. Violência contra as mulheres e violência de gênero: notas sobre estudos feministas no brasil. **Estudios Interdisciplinarios De América Latina y El Caribe**, 16(1). 148-164, 2005. Disponível em: <<http://eial.tau.ac.il/index.php/eial/article/view/482>>. Acesso em: 29/04/2022.

SANTOS, G. S. Mulheres na colônia: papéis passados: a história das mulheres a partir da documentação arquivística. **Arquivo Nacional e a história Luso-brasileira** (online). 07 Mai, 2020. Disponível em: <http://historiacolonial.arquivonacional.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5347&Itemid=460>. Acesso em: 04/06/2021.

SANTOS, J. V. T. A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.27, n.1, p. 105-122, jan./jun. 2001.

SANTOS, J. V. T. **Violências e conflitualidades**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2009.

SCHMITZ, G. A. P. D; TRAMONTINA, R. A. sociedade da informação seus reflexos na objetificação da mulher. **Revista de Gênero, Sexualidade e Direito**. Curitiba, v.2, n.2, p.229-242, Jul/Dez.2016. DOI: 10.21902/.

SCHRAIBER, L. B; OLIVEIRA, A. F P. L; FALCÃO, M. T. C; FIGUEIREDO, W. S. **Violência dói e não é direito: a violência contra a mulher, a saúde e os direitos humanos**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

SCHURIG, A. C. S. Aproximações entre a filosofia não analítica da linguagem e o pragmatismo. **Cognitio-Estudos: revista eletrônica de filosofia**, v16, nº1, jan-jun, p102-115, 2019.

SCARANCE, V. Violência contra a mulher: um desafio para o Brasil. **In: Visíveis e (In)visíveis: a vitimização das mulheres no Brasil**. 2ª edição. 2019. Disponível em: <https://assets-dossies-ipg-2.nyc3.digitaloceanspaces.com/sites/3/2019/02/FBSP_2018_visivel-invisivel-vitimizacao-de-mulheres.pdf> . Acesso em: 18/05/2022.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, 20(2), jul/dez, 1995.

SILVA, A. C. A. **Perfil da reincidência da violência doméstica contra a mulher no município de Santarém**. 2015. 53 f. Dissertação de mestrado (Programa de pósgraduação em Segurança Pública) – Universidade Federal do Pará - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Disponível em: <https://www.ppgsp.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/teses_e_dissertacoes/dissertacoes/2013/201302%20-%20SILVA.pdf>. Acesso em: 18/09/2021.

SILVA, J. P. A. da; CARMO, V. M, do; RAMOS, G. B. J. R. As quatro ondas do feminismo: lutas e conquistas. **Revista de Direitos Humanos em Perspectiva**, 7(1), 101-122, 2021. Disponível em: <<https://indexlaw.org/index.php/direitoshumanos/article/view/7948/pdf>>. Acesso em: 24/09/2022.

SILVA, L. L.; COELHO, E. B. S.; CAPONI, S. N. C. Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação** [online]. 2007, v. 11, n. 21, pp. 93-103. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-32832007000100009>>. Acesso em: 18/10/2021.

SILVA, L. L. **Mídia online e violência doméstica contra a mulher: o discurso como instrumento de poder estruturante da sociedade patriarcal**. 2019. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/28701>>. Acesso em 15/05/2022.

SILVA, N. P; SOUZA, K. M. O conceito de dispositivo em Foucault: a emergência histórica do dispositivo do desenvolvimento sustentável e a construção das subjetividades. **Scripta Uniandrade**, Curitiba, vol.11. nº 1, 2013.

SILVA, T. T. A biopolítica do corpo feminino em estratégias contemporâneas de ativismo digital. **Rev. Estud. Fem.**, 24(3), Sep-Dec, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2016v24n3p739>>. Acesso em: 28/07/2020.

SILVEIRA, C. C. FRIEDERICHS, M. C. SOARES, R. F. R. SILVA, R. A. Educação para a igualdade e respeito à diversidade. In: SILVEIRA, Catharina et al. (orgs.) **Educação em gênero e diversidade**. 2ª. ed., Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018.

SKLIAR, C. **Desobedecer a linguagem: educar**. Trad. Giane Lessa. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

SOARES, A. C. E. C. Prefácio. In: MEDEIROS, Luciene. **Políticas públicas de enfrentamento à violência contra a mulher**. Rio de Janeiro: Letra Capital/PUC-Rio, 2018.

SOUZA, A. K. A.; NOGUEIRA, D. A.; GRADIM, C. V. C. Perfil da violência doméstica e familiar contra a mulher em um município de Minas Gerais, Brasil. **Cad. saúde colet**, 21(4), 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cadsc/a/kb5ZrpKBCQz7svZDT59W4tf/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 17/05/2020.

STEVENS, C.; *et al.* **Mulheres e violências: interseccionalidades**. Brasília, DF: **Technopolitik**, 2017.

STRECK, D. R.; ADAMS, T. Pesquisa em educação: os movimentos sociais e a reconstrução epistemológica num contexto de colonialidade. **Educação E Pesquisa**, 38(1), 243-258, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-97022012005000003>>. Acesso em: 02/05/2020.

STROPPA, T. V. S.; LADEIRA, C. E.; AMORIM, G. S.; MANCINI, L. R.; GUEDES, L. M.; LOURENÇO, L. M. Violência Escolar: entrevistas com professores de uma escola pública de Juiz de Fora. In **Estudos contemporâneos sobre violência e agressividade humana / Organização Lelio Moura Lourenço [et. al.]**. Juiz de Fora, MG: Editora UFJF, 2021.

TADEU, T.; CORAZZA, S.; ZORDAN, P. **Linhas de escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 208 p.

TAVARES DOS SANTOS, J. V. **A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatória**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.27, n.1, p. 105-122, jan./jun. 2001.

TAVARES, M. S. Roda de Conversa entre Mulheres: Denúncias sobre a Lei Maria da Penha e Descrença na Justiça. In **Estudos Feministas**, Florianópolis, 23(2): 352. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/38875/29354>

TEIXEIRA, S. B. S. Violência contra a mulher: o que a política tem a ver com isso? In **Violência doméstica e direitos humanos das mulheres**. [livro eletrônico], Org. Maynara Costa de Oliveira Silva, Laurinda Fernanda Saldanha Siqueira. 1. ed., São Luís, M: Editora Expressão Feminista, 2021.

FLORES-TREVIÑO, M. E.; ESPARZA, O. N. E. Violencia, género y sexismo: Un estudio en el discurso de medios mexicanos. **Opción**, vol. 32, núm. 13, pp. 725-735, 2016. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/310/31048483035.pdf>>. Acesso em: 02/08/2018.

VANDRESEN, D. S. Uma análise do discurso e não-discursiva na arqueologia de Michel Foucault. **Aurora**, Marília, SP, v.7, n.2, p.79-92, jan/jun, 2014.

VILA-CHÃ, J. J. Ludwig Wittgenstein: A Importância de uma Obra. **Revista Portuguesa de Filosofia**, 58(3), 443–465, 2002. <http://www.jstor.org/stable/40337700>

WASELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil**, Curadoria Enap, 2015.

WEIZENMANN, M. **Foucault: sujeito, poder e saber**. 1. ed. Pelotas: Editora UFPEL, 2013.

WELLAUSEN, S. S. O governo de si e o governo dos outros: o papel da razão. **Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas**, v. 13, n. 24, jan./jun., p. 117-128, 2013.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

ZAMPIERI, M. A. J. **Codependência: o transtorno e a intervenção em rede**. São Paulo: Ágora. 2004.

ZANELLO, V. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Appris. 2018.

ZANELLO, V. **Saúde mental, gênero e interseccionalidades**. In: PEREIRA, M. O.; PASSOS, R. G. Luta antimanicomial e feminismos: discussões de gênero, raça e classe para a Reforma Psiquiátrica Brasileira. Rio de Janeiro: Editora Autografia, 2017.

ZIBERT, I. Gênero e estudos feministas no Brasil. In: SILVA, C. F; KRAEMER, C. **Corpos plurais: experiências possíveis**. Blumenau: Liquidificador produtos culturais, 2012, p.15-68.

ZIMEMAN, A. (org) **Violência de gênero**. Santo André, SP. Universidade Federal do ABC, 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE 1- TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA

Ilma. Sra.
Secretária Municipal da Assistência Social.

Prezada Secretária, eu, Jozimara Assunção Camilo Alves, aluna do curso de Pós-graduação, em nível de doutorado do Programa de Pós-graduação Educação Escolar, da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho Campus de Araraquara, sob orientação da Profa. Dra. Maria Regina Momesso venho por meio deste solicitar autorização para realizar nas instituições de assistência social deste município a pesquisa: “POR UMA LINGUAGEM NÃO SEXISTA ENQUANTO RESISTÊNCIA: O Cuidado de Si e a Estética da Existência em caso de mulheres vítimas de violências.”, que tem o objetivo principal analisar as práticas discursivas e não discursivas sobre as mulheres vítimas de violência doméstica presentes na sociedade – em especial na mídia, família e mercado de trabalho – e na narrativização das histórias contadas por essas mulheres, quais seus efeitos de sentido e como estes contribuem para o aumento ou não da violência contra a mulher.

Para esta etapa do projeto serão coletadas informações estatísticas, com estas serão construídos mapas e gráficos de ocorrências de violência contra a mulher, no município, os dados farão parte da tese da pesquisa acima citada e parte de um site com a finalidade de análise e divulgação dos mesmos, bem como possibilidade de divulgação de ações com foco na redução de casos de violência contra as mulheres. Período levantamento de dados serão sobre os anos 2019/2020/2021, assim podendo monitorar o andamento de casos no período antes e durante a pandemia do COVID- 19.

Esclarece-se que será assegurado tanto à instituição, quanto aos participantes desta pesquisa o anonimato e a confidencialidade bem como a possibilidade de desistir da mesma a qualquer momento. Vale ressaltar ainda que as informações reunidas serão usadas, unicamente, para fins desta pesquisa e de trabalhos que dela se desdobrarão.

Desta forma informa-se que, para qualquer esclarecimento durante tempo de execução deste projeto nos seguintes contatos: Jozimara Assunção Camilo Alves e-mail: jozimara*****@gmail.com, telefone: (14) 9****-**** e Profa. Dra. Maria Regina Momesso e-mail: regina****@unesp.br, telefone (14) 99****-****.

Atenciosamente,
Jozimara Assunção Camilo Alves.

Cidade ____ de _____ 20__.

Eu, _____, RG nº _____, autorizo a participação das instituições municipais de assistência social à participar da pesquisa acima citada.

Carimbo e assinatura.

APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Meu nome é Jozimara Assunção Camilo Alves, RG: XX.XXX.XXX-X, sou Pedagoga, Psicopedagoga, Mestre em Educação Sexual e doutoranda em Educação Escolar do Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da Universidade “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Campus Araraquara, sob a supervisão da Prof^{ta} Doutora Maria Regina Momesso. E estamos realizando uma pesquisa que tem como título “POR UMA LINGUAGEM NÃO SEXISTA ENQUANTO RESISTÊNCIA: O Cuidado de Si e a Estética da Existência em caso de mulheres vítimas de violências.” que tem o objetivo principal analisar as práticas discursivas e não discursivas sobre as mulheres vítimas de violência doméstica presentes na sociedade – em especial na mídia, família e mercado de trabalho – e na narrativização das histórias contadas por essas mulheres, quais seus efeitos de sentido e como estes contribuem para o aumento ou não da violência contra a mulher.

Entendendo que a violência contra a mulher e suas intrincadas relações de poder, tem sido desde sempre, foco de forte exposição midiática. Os meios de comunicação mais tradicionais das sociedades contemporâneas trazem quase que de maneira sistemática histórias nas quais mulheres passam por situações desde vexatórias e humilhantes, até violências físicas e psicológicas. Nessas histórias, muitas vezes, podemos observar narrativas, que reforçam os discursos da cultura patriarcal, muito presente na sociedade brasileira, formações discursivas que constroem imagetivamente, como no caso da televisão, uma materialidade verbal sobre a mulher.

As entrevistas terão por finalidade uma conversa inicial com o grupo participante e, também para compreender de quais narrativas as participantes estabelecem sobre suas próprias histórias. Essas histórias serão coletadas durante em uma pesquisa qualitativa, no CRAM (Centro de Referência e Atendimento da Mulher) para tanto realizaremos entrevistas (gravadas em áudio) com as participantes, assim coletando os discursos.

Você está sendo convidado a participar voluntariamente desse estudo. Sua participação consistirá em fornecer uma entrevista (gravada em áudio), na qual, contará sua história e como também emitirá sua opinião sobre o tema da pesquisa. Decidindo favoravelmente a sua participação voluntária neste estudo é importante saber que:

- a) Ao participar deste trabalho você responderá perguntas que podem oferecer riscos e desconfortos como o sentimento de constrangimento, seja ele de cunho emocional e/ou moral. Ademais, sentir-se ameaçado quanto à exposição direta ou indireta de sua privacidade, devido ao teor das questões que abordam assuntos relacionados à violência contra a mulher e relações de gênero. Sendo assim, salienta-se que você poderá se retirar da pesquisa a qualquer momento se sentir-se desconfortável e/ou arrependido por ter aceitado participar sem sofrer nenhum tipo de penalidade. Sua decisão será respeitada;
- b) Você terá acesso a sua entrevista depois de transcrita e caso haja algum desconforto em relação ao relato poderá retirar seu consentimento ou solicitar que algumas questões que cause constrangimento sejam excluídas;
- c) A pesquisa poderá ser utilizada posteriormente para trabalhos científicos sempre mantendo sua identificação em sigilo, assegurando-lhe completo anonimato, pois as informações que poderá identificá-lo serão excluídas;
- d) Garantimos a indenização diante de eventuais danos causados a você pela participação nesta

- pesquisa.
- e) Essas informações, por serem de caráter confidencial, serão apenas utilizadas para os objetivos desse estudo;
- f) Destaca-se que sua participação é voluntária e depende exclusivamente de sua vontade em colaborar com a pesquisa;
- g) Você ficará com esse termo e, em qualquer momento da pesquisa, você pode entrar em contato e esclarecer possíveis dúvidas com a pesquisadora principal, Jozimara Assunção Camilo Alves por meio do telefone (14) 99***-****.

Com os resultados obtidos, pretende-se contribuir PARA UMA MELHOR compreensão das práticas do cuidado de si e da estética da existência, AS QUAIS ESTÃO EM consonância com uma linguagem não sexista e que podem ser importantes para o restabelecimento social de mulheres vítimas de violência. Ainda criaremos coletivamente materiais que promovam uma educação linguística e ética dos modos de vida, para impulsionar a substituição de uma linguagem sexista para uma linguagem não sexista.

Agradecemos sua colaboração e estamos à disposição para qualquer outro esclarecimento.

Telefone de contato da pesquisadora responsável:

Jozimara Assunção Camilo Alves – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (UNESP); Rodovia Araraquara - Jaú, Km 1 - Bairro: Machados Araraquara-SP - CEP 14800-901 – Fone: (16) ****-****.

Telefone pessoal: (14) 9***-**** (ligações inclusive a cobrar)

E-mail: jozimara*****@gmail.com

Endereço Institucional do Supervisor da Pesquisa:

Professora Dra. Maria Regina Momesso do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar – UNESP/ Araraquara.

Telefone pessoal: (14) 9****-**** (ligações inclusive a cobrar)

Email: regina*****@unesp.br

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade de Ciências e Letras do Campus de Araraquara- UNESP, localizada à Rodovia Araraquara-Jaú, Km 1 – Caixa Postal 174 – CEP: 14800-901 – Araraquara – SP – Fone: (16) ****-**** – endereço eletrônico: comitedeetica@fclar.unesp.br.

_____, ____ de _____ de 20__.

Assinatura da participante

Assinatura da pesquisadora responsável

APÊNDICE 3 - Roteiro para entrevistas – Atendidas do CRAM

Parte I - Identificação

- Nome⁷⁷
- Idade
- Escolaridade
- Cor (percepção própria)
- Possui filhos
- Estado civil
- Ocupação/ trabalho

Parte II – Narrativas

- Qual motivo te levou a procurar os serviços do CRAM (Assistência Social)?
- Narre na sua perspectiva os acontecimentos que te levaram a procurar o serviço.
- Durante os acontecimentos retratados qual foi sua atitude mais comum?
- Qual sua relação com agressor?
- Qual momento te levou a pedir ajuda (atendimento)?
- Qual primeiro lugar/ pessoa para quem você pediu ajuda?
- Na sua opinião quais informações te ajudaram/ajudariam a pedir ajuda antes?
- Gostaria de falar mais alguma coisa, sobre esse assunto que você não teve oportunidade?

⁷⁷ Será avisado as participantes que os nomes serão substituídos por nomes fictícios na transcrição.

APÊNDICE 4 – ENTREVISTAS

As entrevistas foram gravadas e ocorreram de forma contínua, natural e espontânea. Aqui elas estão sendo transcritas de forma linear, ou seja, exatamente da maneira e na ordem como os diálogos reais aconteceram. Porém, para uma melhor visualização sobre quais tópicos estavam sendo levantados dentro do roteiro da pesquisa, inserimos quadros na tabulação, organizando os assuntos. Os tópicos do roteiro de narrativas aparecem em negrito, no início das seções.

Resumo da Entrevistada 1 – Identificação: 39 anos, cor parda, estudou até o 6º ano ensino fundamental, tem 2 filhos (menino de 17 anos e menina de 5 anos), solteira, trabalha como auxiliar de cozinha. **Narrativas:** Foi contatada pelo CRAM após registro de B.O. na Delegacia da Mulher. Tinha 22 anos de relação com o agressor. Agressões físicas iniciadas durante o namoro e recorrentes durante período de casamento. Entrou com medida protetiva anteriormente. Indicou prisão por violação de medida protetiva, além do uso de drogas e roubo de objetos pelo ex-companheiro. Retirou a primeira medida protetiva por causa da filha mais nova, que sentia a falta do pai. Citou sua “demora” para sair do relacionamento por causa dos filhos e do medo do ex-companheiro. Comentou que seu pai, filho e irmão tentaram impulsioná-la para reatar com o ex-companheiro. Entrou com medida protetiva mais recentemente. Comentou ter sido destrutada por funcionário da delegacia durante a realização de B.O. Atualmente está separada e possui um novo companheiro em segredo por medo da reação do ex-marido.

Entrevista 01*

*Siglas – P: Pesquisadora; E1: Entrevistada número 1

- Qual motivo te levou a procurar os serviços do CRAM (Assistência Social)?

P: Por que motivo você chegou até o CRAM? Como que você chegou até aqui? O que te trouxe? **E1:** Vários boletins de ocorrência né, que eu fiz contra meu ex-marido, aí eles mandaram os papel (papeis) para cá, aí que a moça me ligou e pediu para mim vir conversar, aí eu vim.

P: Ah, tá certo! Esses boletins de ocorrência, quantos você fez? **E1:** Vixe, (risos), acho que uns 10 boletins de ocorrência, vamo colocar aí 10, acho que beirando 10 boletins de ocorrência.

- Qual momento te levou a pedir ajuda (atendimento)?

P: Nossa bastante! Ah! E como foi que aconteceram esses boletins? Pensa no último que você fez o quê que te

levou até a polícia? **E1:** O último, tipo, é porque ele já tinha ido embora de casa, eu cheguei do trabalho e tinha quebrado a minha porta e estava dormindo na minha cama como se nada tivesse acontecido.

- Qual sua relação com agressor?

P: Nossa! É a história de uma relação de quantos anos? **E1:** 22 anos, a gente ficou muito, mas sempre foi assim, pé de guerra nunca (...) acho que bom foi quando a gente namorava, mas depois que passou a morar junto. Namorando, ele já me agrediu uma vez, aí ainda tentei insistir ainda na burrice, para falar o português claro.

P: Então vocês passaram 22 anos juntos, e seus 2 filhos são dele? **E1:** É dele.

P: Essa primeira agressão que aconteceu no namoro de vocês, o que que foi? Você se lembra? **E1:** A gente saiu, gente foi em um show e depois na volta a gente brigou, acho que ciúme, né. depois ele me deu um tapa, depois me deu um soco, só que eu não fiz um boletim de ocorrência, deixei passar (...) e passou, aí gente foi morar junto, eu engravidei. Durante um tempo para gente morou na casa dos meus pais, aí depois ele alugou uma casa, aí foi morar só eu e ele, mas aí acontecia da gente brigar e ele sempre me agredir, sempre me agredir (...). E foram várias vezes, se fosse para fazer boletim de ocorrência eu tinha uns 200 e sempre foi assim. Como (...) Ele é meio louco, ontem estava em casa limpando pia do meu banheiro quebrou (...). O último boletim de ocorrência que a gente teve, ele pediu para o policial deixá-lo fazer uma higiene no banheiro antes de levar ele, ele jogou a minha escova de dente, a escova de dente do meu menino e a dele, dentro do cano da pia. Aí eu pensei acho que é doente.

P: Ok (risos nervosos) **E1:** Então acho que é doente, fiquei com uma raiva, gente que monstro que eu morei.

P: Mas, sem nenhuma explicação? Sem nada? **E1:** O policial entrou para tirar ele de dentro de casa, ele falou assim que estava dormindo e “deixa eu só fazer uma higiene aqui” e aí ele jogou escovas de dente de nós tudo dentro do ralinho da pia. Aí ontem eu achei e falei gente eu vivi com uma pessoa doente.

P: Bastante complicado. **E1:** Aí eu conversando sozinha ontem falei, “Meu Deus! fazer se fosse com a minha escova e com a dele, mas fazer com do próprio filho, o que ele não é capaz de fazer?”

P: Essa é a pergunta né? o que ele não é capaz de fazer? **E1:** Acho que é capaz de fazer coisa pior.

- Narre na sua perspectiva os acontecimentos que te levaram a procurar o serviço.

P: Mas ele sempre demonstrou isso de ciúmes? **E1:** Nunca foi, demonstrou ser tão ciumento, mas tipo ele é usuário de drogas, então quando ficava sem ele ficava irritado, nervoso. Até com a neném, uma vez ele brigou. Com a neném só de ouvir o choro dela irritava ele.

P: Entendi (...) **E1:** Aí, eu ficava nervosa, falava assim: “Você só fica bem quando se usa droga? Ai você me ama e se ama seus filhos?”

P: Mas ele sempre usou drogas? **E1:** Sempre, só que quando a gente namorava era só maconha, aí depois começou a morar junto ele começou a usar crack, cheirar farinha e foi, e foi (...) piorando achei que ia melhorar, mas foi piorando. E aí teve uma vez que ele teve uma forte recaída também, mas só que ele nunca tinha mexido nas minhas coisas, aí agora nessa última vez ele começou a roubar tudo que tinha dentro de casa, até o que tinha dentro do armário.

P: Dentro do armário de cozinha? **E1:** É, ele pegou uma vez pacote de arroz, de feijão. Pegou roupa do meu filho tênis, do meu filho. O que achava, falava que não tinha muita utilidade. Não tem utilidade, então vocês precisam andar de bermuda, de camiseta.

P: Coisas que no posicionamento dele, não tinha utilidade? Não ia fazer falta, mas (...). **E1:** É, mas aí eu falei, “você pode sair da minha casa morar na rua porque o lugar ideal para você”. Agora você não precisa de nada.

- Qual primeiro lugar/ pessoa para quem você pediu ajuda?

P: A primeira pessoa ou lugar que você pediu ajuda qual foi? Você se lembra? **E1:** Na delegacia mesmo.

P: Lá no começo do relacionamento ou mais para cá? **E1:** Mais para cá!

P: Mais recentemente? **E1:** Agora, ah falei, agora não tem mais o que fazer.

P: Foi quando você começou a fazer os boletins? **E1:** Foi quando eu fiz um boletim de ocorrência peguei a medida protetiva, aí ele voltou em casa eu chamei a polícia ele foi preso. Aí ele ficou preso e minha menina era mais novinha, aí ela começou a sentir falta dele. A idiota (eu) foi lá no Fórum e retirou a medida protetiva, ele saiu achei que ia melhorar, saiu pior.

P: Isso a sua menina que é mais velha agora era criança ainda? **E1:** (...) não eu tenho um menino de 17 a menina de 5.

P: Ah! Sim ela é a mais nova. **E1:** É a minha menina de 5 que começou sentir falta, ela era muito grudada, quando ele estava sem usar, porque ele ficou um tempo preso que e saiu a gente teve essa menina. Ele ficou um tempão sem usar droga, mas depois voltou de novo. Aí desbundou, aí eu falei a não.

P: Então só recapitulando, o primeiro lugar que você lembra de ter ido foi na delegacia na delegacia da mulher? E você lembra como que foi esse atendimento lá? **E1:** Ah! Foi bom, só não gostei uma vez que eu cheguei lá um escrivão falou “(...) é você vai ter que vender a sua casa para dividir com ele porque vocês são casados, cansei dele também”, aí sim! Me deixou furiosa foi quando eu falei eu não vou mais na delegacia não, porque a gente vai lá eles ficaram lá a gente parece que ele estava do lado dele.

P: É não foi comentário muito propício. **E1:** E ainda uma amiga que estava comigo falou assim: “acho que deve estar acostumado a bater na mulher dele”, para ele ter falado isso daí. A minha amiga falou: “não desiste uma hora ele” (...) Aí falei, a não, vou lá ficar escutando isso daí, uma hora vou acabar sendo presa, porque eu vou xingar tudo eles, vou ter que assinar um desacato de autoridade né? De ouvir isso daí tem que ficar quieta? Ah não, não vou mais, mas aí ele foi lá de novo. Aí teve um dia cheguei em casa e ele cortou o fio da minha internet, Ai meu Deus! E agora? Ele estava dormindo na minha cama, eu falei “como falar com alguém agora?” Crédito não tinha internet e não dá pra mim sair. Eu tinha medo de sair e ele me pegar no meio da rua, sabe me machucar?

- Durante os acontecimentos retratados qual foi sua atitude mais comum?

P: Hum hum (murmúrio afirmativo). **E1:** Aí pensei o que eu faço? Aí para uma liguei pra uma amiga minha, afastei longe dele e falei chama polícia para mim e fala que ele está me agredindo, mas ele estava dormindo, porque ele cortou tudo o fio da internet e me deixou fora do mundo, não dava pra mim falar com ninguém. Aí eu consegui colocar internet, conversei com um colega meu que trabalha no fórum, ele falou só faltava o juiz assinar.

P: Era a medida protetiva? **E1:** Ele falou espera mais um pouco, só que aí eu cheguei na delegacia, lá ele já viu (...) já deu ciência que eu estava com a medida protetiva, que não era pra voltar mais na minha casa. O policial falou a gente vai levar você embora, aí eles me trouxeram, a hora que eu entrei dentro de casa, ele entrou atrás!

P: Ele já estava te esperando? **E1:** Eu não sei, mas estava na delegacia junto comigo. Eu vim de viatura (...) eu acho que alguma viatura o trouxe também embora, porque ele não podia ter chegado tão rápido. Eu entrei dentro de casa ele entrou atrás, aí ele falou assim (...) deixa eu ver eu tenho até um vídeo aqui que eu que eu filmei, o um cara lá da delegacia falou pra eu filmar, na hora que você chegar na sua casa e se for lá de novo, eu filmei. Aí

ele falou assim eu só vou entrar no quarto para tchau para Emily que a minha menina. Aí entrou, a minha bolsa estava (...) foi essa bolsa, tinha um creme novo da Boticário, ele revirou toda minha bolsa e achou o creme pegou para ele e foi embora. A hora que eu entrei no quarto da minha bolsa tudo revirada peguei a moto voltei na delegacia de novo, aí o policial falou assim “nós não pode fazer nada, porque ele não está lá mais”, só vamos fazer o boletim de ocorrência do crime, que ele furtou.

P: Entendi (...) do creme que ele for todo esse boletim do que você sentiu falta nessa oportunidade, que não foi a mesma que ele pegou as coisas nos seus filhos? **E1:** Não esta daí (...) das coisas que ele pegou acho que só tem mais um boletim, nem lembro qual, acho que tem mais um boletim de coisas que ele pegou.

- Narre na sua perspectiva os acontecimentos que te levaram a procurar o serviço.

P: Ah! vocês moram próximos? Assim (...). **E1:** Agora o povo lá da do bairro onde eu moro falou que ele está morando na rua da frente.

P: (...) mas, onde você mora? **E1:** Ah, eu moro lá no nas casinha nova lá do ****.

P: Ah (...) que fica (...)? **E1:** lá pra frente, fica perto do ****, eu moro na rua do meio, ele mora na de frente da minha casa, só que eu nem passo lá para saber se tá ou não tá, já que ele resolveu me dar paz, deixa ele quieto. Nem vou saber onde que ele está, até a neném, acho que faz um mês e pouco já, que ele não a pega pra sair, nem para dar uma voltinha nem nada.

P: Ele ia até lá (...)? **E1:** Ele ai até lá ficava um pouquinho com ela na casa do meu irmão, às vezes dava umas voltas no quarteirão, chamava eu e deixava ela. Agora nem isso, Graças à Deus!

P: Será que por medo da medida protetiva? Ele sabe sobre a medida protetiva? **E1:** Eu acho que não, porque assim, eu conheci uma outra pessoa. Não sei se ele está sabendo, mas eu tenho medo (oh!). Ah o pessoal também está com medo, a gente não sabe qual vai ser a reação dele (...)

P: Se ele tem um histórico de agressão né? (...). **E1:** É, porque ele passou perto de mim de moto, uma vez e ele olhou com uma cara de ódio, falei meu Deus! Até uma amiga que estava junto, que a gente estava saindo para trabalhar, falou nossa! Vc viu a cara que ele olhou para mim ? Falei tô nem aí!

P: É uma situação complicada! **E1:** É complicada, mas deixar de viver e não vou deixar não. Perdi o medo que eu tinha, durante muito tempo eu fiquei com ele por medo.

P: Ele te ameaçava? **E1:** Não, não ameaçava, mas sabe assim quando você tinha medo, eu achava assim, se eu largar dele e ver a outra pessoa, ele pode me matar, pode me bater no meio da rua, ficava imaginando um monte de coisa. Falei agora não, ele vai ter que aceitar que acabou, (...) acabou ainda até eu converso com a minha neném, falo: ele não vai deixar de ser seu pai, mas eu não volto mais com ele. Você pode chorar, pode espernear, mas a mamãe não vai voltar mais. Você pode amar e gostar dele, mas que nem a delegada falou para mim uma vez, ela falou assim “se ele morrer a sua nenê vai ter que ficar sem”, então eu coloquei isso na cabeça. E agora vou viver até quando? (...) porque pai. irmão e filho quer que eu moro com ele e quem que vai sair no prejuízo? Eu (...) quem sofria todas as agressão era eu, não era eles. Falei não volto, não volto, se eu pudesse nunca mais ver ele, não via.

P: Você acha que teve em alguma situação, (...) chegou ter problemas de saúde ou psicológico? Dessas situações assim (...). **E1:** Ah não, sabe quando eu lembro das coisas assim, eu não volto com ele nunca mais, se eu pudesse nunca mais ver, eu nunca mais via, tenho raiva dele, das coisas que fez.

P: hum hum (murmúrio afirmativo). **E1:** Tenho raiva, mágoa. Deus o abençoe que um dia ele mude, mas não

para ficar comigo, por causa dos filhos dele, aí eu tenho raiva.

P: É uma situação muito delicada, porque tem crianças envolvidas (...). **E1:** Né, mas eu (...), se eu pudesse não via ele, nunca mais (...)

P: Você acha que você demorou esse tempo todo para pedir ajuda, por falta de informação, por (...)? **E1:** É porque, tipo assim uma vez eu larguei dele, aí a gente ficou uns meses largado, comecei a namorar, ele foi bateu no cara quase matou. Bateu no cara com um ferro e minha família todo mundo gosta dele, gosta porque os dois cunhados são dois drogados, igual ele, então se dão bem. Que nem eu que não uso nada (...) eu uso cigarro ou uma cerveja de vez em quando, para mim já não serve agora para eles. Eles acham que eu tenho que morar com ele, porque tem os filhos (...) por causa disso, daquilo. Então está fácil né? Eu que trabalhava para sustentar a casa. Então para eles está tudo bem, para que, que eu vou querer uma pessoa assim? Que me agredia, que eu sustentava, que para trabalhar tinha que ficar brigando e falando.

P: Ele nunca teve um emprego fixo? Uma profissão? **E1:** Tem uma profissão excelente, só que não dá valor, ele era um construtor e construtor do bom, todo mundo fala (...)

P: Ele é pedreiro? **E1:** É!, e que nem o pessoal falava, “ele é uma pessoa tão boa, tão trabalhadeira”, porque você não morou com ele em quatro paredes, que só eu que morei, sei como que ele é, (...) agressivo.

P: Ele chegou a falar alguma coisa ou fazer alguma coisa contra os seus filhos? **E1:** Não, mas (óh) meu menino mais velho que ele xingava bastante, isso me deixavam muito estressada.

P: E ele ainda mora com você? **E1:** Quem meu menino? Ele mora. Ele xingava bastante meu menino e eu falava para ele parece que só a *****, é a sua filha, o *****, você só xinga desses nomes feio, sabe desses nomes pesado. Aquilo também me irritava.

P: Deixa só eu olhar aqui nas minhas folhas (...). Na sua família tem algum histórico de violência familiar? **E1:** Não

P: Isso não acontecia antes enquanto você crescia? **E1:** Até onde eu sei, não, a família do meu pai (...) são mais assim, mais calmos unido, da minha mãe já é afastado assim, porque são tudo de fora não conheço quase ninguém, nunca tive muito contato.

P: (...) mas seu pai e sua mãe nunca tiveram nenhum tipo de relação (...)? **E1:** (...) desse jeito não, de bater, de agressão não, só de discutir. Isso de discussão normal.

- Na sua opinião, quais informações te ajudaram/ajudariam a pedir ajuda antes?

P: Hum sim, na sua opinião alguma informação que você tivesse antes ia te ajudar a superar ou pensar nessa relação de uma outra maneira? **E1:** Eu acho que se eu tivesse minha família mais do meu lado seria melhor

P: Se você tivesse uma rede de apoio? **E1:** Hum hum (murmúrio afirmativo), que não pensasse assim que eu tenho que viver com ele, porque eles gostam, porque eu tenho filho com ele. Se eles ficassem mais do meu lado acho que já teria separado dele, desde a primeira vez que eu estava namorando com outro cara (...).

P: Eles ficaram do lado do seu ex-companheiro? **E1:** Do lado dele, tanto é que uma vez foi ele e meu irmão para bater num cara, ainda até o policial, que foi uma vez em casa, meu irmão me xingando, porque o policial estava tirando ele de lá de dentro.

P: Isso reflete o posicionamento da sua família nessa relação, mas é uma questão religiosa? Ou alguma coisa assim? **E1:** (...) eu não sei de que acontece, até a mulher do meu pai falou, “ela tá certa, ela tem que viver a vida dela”. Eu dei várias oportunidades para ele, não mudou porque não quis, passaram 22, 22 anos é muito. Agora

nesses últimos 2 anos aqui foi essa conturbação, agora faz um mês e pouco que eu consegui que ele se afastasse mais de mim.

- Gostaria de falar mais alguma coisa, sobre esse assunto que você não teve oportunidade?

P: Hum tem mais alguma coisa que você gostaria de falar? Que você acha que eu não perguntei sobre sua história sobre sua vida? **E1:** Não tudo certo.

P: Muito obrigada!

Resumo da Entrevistada 2 – Identificação: 25 anos, cor parda, estava estudando EJA mas parou, tem 4 filhos (meninos de 7 e 2 anos e meninas gêmeas de 4 anos) e está grávida de 5 meses, divorciada, não trabalha. **Narrativas:** Foi contatada pelo CRAM após registro de B.O. na Delegacia da Mulher. Tinha 6 anos de relação com o agressor. Agressões físicas, morais e psicológicas sofridas durante todo o relacionamento. Teve que abandonar o lar por medo do agressor, o recolhimento foi feito pelo CRAM. Agressor já foi preso, mas atualmente está em liberdade. Relatou o uso de drogas e roubo de objetos pelo ex-companheiro. Citou sua “demora” para sair do relacionamento por causa dos filhos, do medo do ex-companheiro e por acreditar que ele poderia mudar. Atualmente está divorciada, não vive com o agressor.

Entrevista 02*

*Siglas – P: Pesquisadora; E: Entrevistada número 2.

- Qual motivo te levou a procurar os serviços do CRAM (Assistência Social)?

P: Agora é a parte que a gente vai conversar um pouquinho sobre sua história, é qual foi o motivo que te levou a procurar o CRAM? **E2:** Eu estava me sentindo num momento muito difícil, sufocante, sabe quando você não tem ninguém para conversar? Nem todo mundo entende o que se passa (...)

P: Sim, como é que você foi parar no CRAM? Você foi contatada ou você foi atrás? Como é que foi? **E2:** Aí as meninas do CRAS me indicaram o CRAM né!

- Qual sua relação com agressor?

P: Você estava passando por uma situação de violência? Você pode falar um pouquinho dela? **E2:** Eu passei por um momento muito ruim sabe? Casada há 6 anos uma pessoa que era, não era, é usuário de drogas, ele me batia, era relacionamentos muito abusivo, teve vez que eu tive que sair de casa por conta, sabe, para não acontecer uma coisa pior. Inclusive as meninas do CRAM que me ajudaram, arrumando um lugar pra mim ficar, foi um momento assim horrível, até dele ser preso foi horrível.

- Narre na sua perspectiva os acontecimentos que te levaram a procurar o serviço

P: O que levou ele a ser preso? **E2:** Por conta da violência né, por conta das agressões.

P: A polícia pegou ele em flagrante? **E2:** É me prendeu dentro de casa (...).

P: E seus filhos estavam presentes? **E2:** Estavam, presenciaram tudo!

P: Toda essa relação durante esses 6 anos os seus filhos, de alguma forma, estavam presentes? **E2:** Sim, desde o momento que as minhas gêmeas estavam na barriga, desde o momento que elas nasceram, sabe é complicado!

P: Que tipo de agressões eram mais comuns? O que aconteceu mais vezes? **E2:** Moral, física, emocional de todos tipos (...)!

P: Todos os tipos de violência então, você identifica nessa relação? **E2:** Não foi fácil eu me libertar disso, porque, acho que de alguma forma eu também ficava presa achando que ele ia mudar, é aquela história que a gente sempre vê na televisão, ah um dia ele vai mudar, um dia ele vai (...).

- Qual momento te levou a pedir ajuda (atendimento)?

P: O que te levou a se libertar? Como você mesma falou, como foi o ponto de virada? **E2:** Eu cansei, chegou ao ponto assim, dele pegar tudo o que tinha dentro de casa, até dispensa sabe, vender para usar droga. chegou ao ponto dele me bater grávida. Isso foi (...) porque ele ia pra rua e usava droga fazia as coisas, mas não tinha chegado a esse ponto.

P: (...) de esvaziar os armários para compra de drogas e te bater por isso né? **E2:** Sim, sabe por que eu não aceitava, não aceitava então aí ele pegou e fez isso.

- Qual primeiro lugar/ pessoa para quem você pediu ajuda?

P: Sim, entendi, quem foi a primeira pessoa que você pediu ajuda? **E2:** Conversei com a minha mãe e depois eu conversei com a técnica no CRAS, a minha filha não sabia desse histórico dele, minha família nunca aceitou o nosso relacionamento por conta disso.

P: Por conta desse histórico de drogas e de violência? **E2:** Sim.

- Narre na sua perspectiva os acontecimentos que te levaram a procurar o serviço

P: Entendi, nesse momento ele está preso? **E2:** Ele saiu tem 2 semanas (...)

P: Ele te procurou? **E2:** Tem duas semanas que a juíza o colocou em liberdade (...)só um minutinho (...)

- Durante os acontecimentos retratados qual foi sua atitude mais comum?

P: Só mais 2 perguntinhas tá bom? Durante os momentos de agressão qual foi a sua atitude mais comum? O que geralmente acontecia? **E2:** Assim, ele me agredia fisicamente, mas não era assim tão (...) assim como eu posso dizer? Sabe, tão brusco, sabe às vezes era um tapa, não pegava sim para espancar, era um tapa um chute quando tinha as discussões entendeu?

P: Entendi nesse momento o quê você fazia? **E2:** Nesse momento eu ficava muito brava discutia e tudo, mas tem aquela coisa a gente não conhece a pessoa, ai né sente medo.

- Na sua opinião, quais informações te ajudaram/ajudariam a pedir ajuda antes?

P: Ah, deixa eu só ver aqui, você tinha algumas informações sobre os tipos de violência ou lugares para pedir ajuda ou alguma coisa assim antes? **E2:** Sim, eu sempre sabia né, mas é igual eu te falei no começo, a gente sempre acha que a pessoa vai mudar.

P: Você já tinha as informações, mas nunca foi atrás? **E2:** Sim.

P: Você chegou a fazer mais de um boletim de ocorrência? **E2:** Acho que tem mais ou menos uns 30, eu já tive medida protetiva, desde o segundo ano de casamento.

- Gostaria de falar mais alguma coisa, sobre esse assunto que você não teve oportunidade?

P: Só mais uma pergunta, tem mais alguma coisa que você gostaria de falar que não teve oportunidade alguma coisa que você acha que eu não perguntei? **E2:** Eu me arrependi de não ter tomado essa decisão antes sabe, que aconteceram muitas coisas, tiveram que acontecer muitas para mim poder acordar. Sendo que eu poderia ter evitado, eu poderia ter evitado se eu tivesse posto um basta nisso. Na semana em que ele foi preso eu perdi a minha mãe faleceu, ó ela morreu assim muito triste, ela chegou para pedir pelo amor de Deus para mim nunca mais voltar com ele são coisas que marcam né? deixam marcas profundas né.

P: O importante que no momento você está se recuperando podendo cuidar de seus filhos, não é? **E2:** Então, mas agora ele saiu, foi embora para ****, na casa da mãe dele, mas (...) tem sempre aquela coisa (...)

P: (...) fica um medo né? deu alguma coisa acontecer novamente, mas agora você já sabe dos seus direitos, onde procurar ajuda? **E2:** Sabe eu sempre achava que ele ia mudar, porque quando ele estava sem droga, quando ele estava sem o uso ele é outra pessoa. Parecem duas pessoas você tá entendendo? Aí sempre ficava com aquela coisa na cabeça ele vai mudar, ele vai mudar (...)

P: Muito obrigada pela participação!

Resumo da Entrevistada 3 – Identificação: 39 anos, cor parda, possui curso superior completo (logística), tem 3 filhas, solteira, é agente de organização escolar, trabalha como inspetora numa escola. **Narrativas:** Procurou o CRAM com auxílio da irmã com a decisão de se divorciar, buscou ajuda para continuar o processo. As agressões começaram após o pedido de separação que se deu pela descoberta de infidelidade do marido. Sofreu ameaças, sofrimento com brigas, agressões, perseguições dentro de casa até que a situação ficou insustentável. O agressor era seu marido, de uma relação de 16 anos. Escreveu um e-mail para o programa “carta da mulher” e então foi encaminhada ao CRAM, onde recebeu bastante auxílio da entidade, desde apoio psicológico até auxílio material (cestas básicas). Atualmente não convive e nem tem contato com o agressor.

Entrevista 03*

*Siglas – P: Pesquisadora; E3: Entrevistada número 3.

- Qual motivo te levou a procurar os serviços do CRAM (Assistência Social)?

P: Primeiro qual foi o motivo que te levou procurar os serviços do CRAM? **E3:** É (...) em um momento durante a pandemia, devido à falta de informação né! Eu pretendia me separar e estava tudo fechado, OAB fechada, fórum, eu não tinha como contratar um advogado, não tinha ninguém. Aí minha irmã no caso me falou que a gente tá em atendimento pelo WhatsApp (...)

P: Ah entendi! a você procurou através da sua irmã, ela sabia do serviço e te orientou procurar por ele? **E3:** Isso!

- Narre na sua perspectiva os acontecimentos que te levaram a procurar o serviço.

P: E que acontecimentos te levaram a essas situações? **E3:** Então, porque eu já tinha pedido a separação, passei a sofrer ameaças, sofri com brigas, agressões, perseguições dentro de casa e começou a ficar uma situação insustentável, é até mesmo por causa da pandemia, eu achava que tinha que esperar acabar a pandemia para poder ir atrás de tudo. E demorou muito, eu pedia a separação em Março e só em Julho que eu consegui advogado.

- Qual sua relação com agressor?

P: Esse relacionamento era de quanto tempo? **E3:** 16 anos.

P: Vocês passaram juntos 16 anos e só mais para o final que ele se tornou uma pessoa agressiva? **E3:** Sim, sim. Quando eu descobri as (...) os rolos dele as amantes e tal, aí começou o inferno. Eu peguei uma conversa dele no WhatsApp, aí começou a quebrar as coisas em casa, a me ameaçar, fazer aquele show na frente de todo mundo. Aí eu vi que não tinha mais como mesmo.

- Narre na sua perspectiva os acontecimentos que te levaram a procurar o serviço.

P: Foi nesse momento que você decidiu se separar? foi esse momento que você falou chega? **E3:** Por conta das minhas filhas também, porque não era uma discussão entre eu e ele, era uma discussão que fazer questão de colocar as meninas, até mesmo para que elas tomavam partido (...)

P: Ah! Sim, mas ele chegou a ser uma pessoa agressiva fisicamente? **E3:** Sim.

P: Nesse momento coloque a sua relação com o agressor? Vocês têm algum contato? **E3:** Eu não tenho, nenhum tipo de contato.

P: Nem as suas filhas? **E3:** A minha filha tem por WhatsApp, por mensagem e a questão das visitas ele tem direito, mas não tem cumprido não e eu não faço questão também.

P: Então você está mantendo esse distanciamento, vocês se separaram estão ficando longe. **E3:** Sim.

- Qual primeiro lugar/ pessoa para quem você pediu ajuda?

P: Qual foi a primeira pessoa que você pediu ajuda? **E3:** A primeira minha pessoa? (...) a minha irmã.

P: A sua irmã, que essa mesma irmã que te encaminhou aqui para o CRAM e os serviços? Ela também a sua rede de apoio? **E3:** Minha irmã, meus amigos e meus vizinhos que presenciaram e testemunharam, então minha família e vizinhos, são os mais próximos. Também por que durante a pandemia não tinha vida social né? Durante a pandemia era do trabalho para casa, de casa para o trabalho, então é mais quem estava do meu lado (...)

- Na sua opinião quais informações te ajudaram/ajudariam a pedir ajuda antes?

P: Você tinha informações sobre questões de direitos? Onde procurar ajuda antes? **E3:** Sim, eu vi antes do começo da pandemia uma reportagem, sobre “carta de mulher” ou “carta da mulher”, um programa do governo. Eu mandei um e-mail, eu mandei um e-mail para esse problema, relatando o que eu estava vivendo né? Relatando a questão psicológica (trecho inaudível), em uma tarde esse programa “carta de mulher” me respondeu com uma lista dos órgãos competentes, que eu poderia procurar, aí nesses órgãos, tinha o nome do CRAM. Esse programa você colocava município, o site da carta, procurava tipo, por esta identificação.

P: Hum hum (murmúrio afirmativo), para poder obter informações? **E3:** Ai eu tinha essa informação, só que

como minha irmã já passou por vários setores, tem que hora que ela está trabalhando no conselho tutelar, tem hora que ela está em outro lugar, aí eu não sabia onde ela estava trabalhando. Porque o CRAM também mudou de prédio, aí eu não sabia que era o mesmo setor e também se estava trabalhando. Aí teve um dia que ela veio em casa, comentei da minha situação e ela me falou que era onde ela trabalha. Foi assim (...)

- Gostaria de falar mais alguma coisa, sobre esse assunto que você não teve oportunidade?

P: Você quer falar mais alguma coisa? Alguma coisa que eu não perguntei? **E3:** Foi extremamente importante o atendimento, me ligavam para saber como eu estava, aí me orientou como fazer as coisas, como representar é qual é o modelo, foi nossa foi extremamente importante me ajudaram financeiramente, estava sem pensão alimentícia foi um processo muito demorado. Imaginei que seria assim imediatamente que me parasse, mas me separei em outubro liminarmente, a pensão demorou quase um ano para começar a pagar, então teve muitas cestas básicas, muito dinheiro e encaminhou as minhas filhas para o psicólogo, foi uma rede de apoio muito importante para mim. Falo para minha irmã até hoje, que as meninas do CRAM me ligavam, perguntando como estava, naquela situação você quer se livrar o quanto antes né? E aí a gente acaba fazendo a coisa errada, Elas (...) passavam as orientações certas, foi muito importante para mim.

P: Que bom, feliz em ouvir a sua história, muito obrigada viu pelo seu tempinho aqui comigo era só isso era só isso. Muito obrigada! **E3:** Obrigada e boa sorte na sua Tese.

Resumo da Entrevistada 4 – Identificação: 39 anos, cor morena, estudou até o 6º ano ensino fundamental, tem 4 filhos (menina de 13 anos, gêmeos de 10 anos e um bebê de 1 ano – filho do agressor). solteira, não trabalha. **Narrativas:** Foi contatada pelo CRAM após brigas domésticas e registro de B.O.. Tinha 1 ano e 7 meses de relação com o agressor. Estava grávida de 5 meses quando o companheiro destruiu o patrimônio, estava sob efeito de álcool e drogas. A agressão mais contundente, que culminou na separação ocorreu quando o bebê tinha 1 mês de idade, agressor destruiu o patrimônio e com ajuda de assistentes sociais e o CRAM conseguiu-se uma medida protetiva. Comentou que as brigas e agressões a fragilizaram “tanto por dentro quanto por fora”. Citou a dificuldade de terminar o relacionamento por causa dos filhos, do medo e vergonha (de comentários) das pessoas. Atualmente não vive com o agressor. O agressor está em liberdade.

Entrevista 04*

*Siglas – P: Pesquisadora; E4: Entrevistada número 4.

- Qual motivo te levou a procurar os serviços do CRAM (Assistência Social)?

P: Qual o motivo que te levou a procurar o serviço do CRAM? O que aconteceu com você que fez você chegar

até o CRAM? **E4:** Porque eu tinha um parceiro, então as assistente social que me passou pro CRAM, porque eu tinha parceiro que antigamente ele me agredia né? Então aí eu comecei a fazer acompanhamento aí.

P: Você levou seu caso até um CRAS e assistente social de lá te encaminhou para cá? **E4:** Sim, foi por indicação das moças aqui do CRAS.

- Narre na sua perspectiva os acontecimentos que te levaram a procurar o serviço.

P: Você pode contar um pouquinho desse caso que você narrou pra elas? **E4:** Então, antigamente eu tinha um parceiro, que é o pai desse nenenzinho, ele é usuário de drogas. Então a gente está separado, só que aí quando ele usava drogas, ele vinha que fazer bagunça sabe, aquelas coisas! Aí teve um momento que ele vem que quebrou tudo, foi aí que as assistentes sociais entraram em contato com CRAM. Para a gente fazer acompanhamento psicológico. Elas me indicaram ir pro CRAM, por causa de agressão física, na verdade agressão doméstica.

- Qual sua relação com agressor?

P: Quanto tempo você ficou com ele? **E4:** tem 1 ano e 7 meses.

P: Vocês estavam convivendo, morando na mesma casa? **E4:** É até o quinto mês da gestação sim, é então ele vai embora quando começou as brigas.

P: Nesse momento qual que é a sua relação com ele? Vocês ainda conversam? (...) **E4:** Bem pouco, o básico sobre a criança, ainda é bem difícil, porque ele não faz questão né? Porque ele não tem amor pela criança (...)

P: Entendi (...) **E4:** Mais assim quando eu preciso de alguma coisa eu mando uma mensagem pra mãe dele, quando o nené está precisando de fralda ou de alguma coisa é a mãe dele que intercede.

- Narre na sua perspectiva os acontecimentos que te levaram a procurar o serviço.

P: Entendi, então você não nem chega a conversar diretamente com ele, você conversa com a sua ex-sogra para que conseguir as coisas que você está precisando para criança. Em que momento você decidiu que você ia pedir ajuda? Como foi esse momento? **E4:** Então, porque assim, meu nené estava com um mês quando ele veio e quebrou a casa toda, quebrou tudo, aí as assistentes sociais daqui viu né? Porque foi em um horário que estava todo mundo na rua. E aí elas entraram na casa e viram a situação que estava, aí eu falei “Olha não tem como mais, eu preciso de uma ajuda com ele”. Eu moro sozinha com as crianças né! Esse daqui de 1 ano, os gêmeos de 10 anos e mais uma de 13 anos, foi aí que elas começaram a me ajudar financeiramente, no que elas podiam e me encaminharam pro CRAM.

- Qual primeiro lugar/ pessoa para quem você pediu ajuda?

P: Então foi no CRAS nas pessoas dessas assistentes sociais, foi o primeiro lugar que você pediu ajuda? Antes disso você (...) **E4:** Elas me ajudam já tem algum tempo.

P: (...), mas para o caso de violência doméstica foram elas foram as primeiras pessoas que você pediu ajuda? **E4:** Sim, foram elas que me encaminharam.

P: Então elas também são sua rede de apoio? E seus familiares e amigos te ajudam? **E4:** Não, porque minha mãe já faleceu né, aí eu tenho só o meu pai, mas ele também tem um monte de problema de saúde. Então ele não tem como me ajudar, em nenhum sentido né.

P: Entendi. **E4:** Então, como eu via que a situação estava só piorando eu falei: “Senhor aí!” (...) E como eu tenho a medida protetiva mesmo, o que eu faço então quando ele vem fazer alguma graça, imediatamente eu já aciono a polícia.

- Na sua opinião quais informações te ajudaram/ajudariam a pedir ajuda antes?

P: Antes de você ter essa ajuda das assistentes sociais, você já tinha alguma informação sobre os nossos direitos? Ou aonde pedir ajuda? Alguém já tinha comentado com você? **E4:** Não, assim sobre os meus direitos eu já sabia né, mas eu não sabia onde procurar ajuda, para mim era só delegacia e aí foi aquelas me falaram que tinha né, esse aqui o CRAM que dava uma assistência para mulher que tem agressão doméstica e agressão psicológica essas coisas, mas até então não sabia que tinha aqui em *****.

P: Mas os seus direitos de modo geral que você poderia procurar polícia ou coisas assim, você já sabia? **E4:** Se eu já sabia? Eu já tinha medida protetiva nesse momento. Eu tenho a medida protetiva desde novembro do ano, passado aí faz um ano que eu tenho. Só que aí eu não sabia também que tinha aqui na delegacia toda vez, foi aí que elas me informaram que cada vez que eu chamava a polícia, eu tinha que ir na delegacia fazer um boletim contra ele isso eu não sabia.

P: Entendi as meninas que acabaram te orientando depois (...). **E4:** Isso!

- Gostaria de falar mais alguma coisa, sobre esse assunto que você não teve oportunidade?

P: Entendi sim, só para encerrar, tem mais alguma coisa que você gostaria de comentar? Alguma coisa que eu não te perguntei? **E4:** Assim eu acho importante isso para as mulheres, tem muitas mulheres que vive a agressão não tem coragem né de falar, eu no início, eu tinha vergonha na verdade. Então eu ia na assistente social daqui da frente e só chorava, desabafava, mas não procurava uma coisa concreta, devido à vergonha que a gente fica né. Eu cheguei até comentar com a *****⁷⁸, ontem, que as vezes não tenho nem vontade de sair de casa, porque eu sei que tem muita gente que aponta, “Ah apanhou!”, outro fala isso ou fala aquilo né, mas depois que eu comecei a conversar com a ***** e ser acompanhada, foi aí que eu comecei a ficar mais tranquila. Agora está tudo bem graças a Deus.

P: Que ótimo! Fico feliz, mas realmente muito feliz por você. **E4:** É porque eu vou falar assim, no momento que a gente está vivendo é difícil né, e se você é agredida e não tem um apoio. Você já fica fragilizada, tanto por dentro quanto por fora, então é bem importante esse trabalho que elas fazem, ajuda muito as mulheres são agredidas. Parece que se sente acolhida né.

P: É isso, muito obrigado! **E4:** Qualquer coisa estou chorando para a ***** , qualquer coisa que acontece eu ligo para contar. É uma pessoa que você sabe que vai te ouvir e não vai te criticar. Vai te ajudar, porque tem muita gente que você vai falar, ainda acaba te criticando, porque acha que você está vivendo isso, porque você quer. Não é desse jeito, ninguém quer viver assim, falam “larga, larga” a gente larga, mas eles não largam, eles ameaçam ainda mais quando tem filho envolvido que eles acham que tem que ter uma relação para o resto da vida, o meu mesmo, ele acha que é desse jeito, porque tem filho, tem que ter uma relação, é a nossa maior briga.

P: Muito obrigada!

Resumo Entrevistada 5 – Identificação: 43 anos, cor branca, estudou até a 7^a série do ensino fundamental, tem 3 filhos (filha de 24 anos, um filho especial de 20 anos e um menino

⁷⁸ Assistente Social do CRAM.

de 13 anos), divorciada, trabalha três dias na semana como faxineira. **Narrativas:** Foi contatada pelo CRAM após sofrer violência doméstica do ex-companheiro. Tinha 10 anos de relação com o agressor e 2 anos de divórcio. As agressões físicas iniciaram no começo do casamento e foram recorrentes. Mesmo após 2 anos de separação sofreu diversas agressões físicas graves. Foi auxiliada mais de uma vez pelos vizinhos. Atualmente o agressor está preso, reincidente. Por muito tempo acreditou que o marido poderia “mudar”. Atualmente não mora com o agressor. Citou trauma, dano psicológico, e que tem muito medo de ser agredida novamente caso o ex-companheiro a encontre.

Entrevista 05*

*Siglas – P: Pesquisadora; E5: Entrevistada número 5.

- Qual motivo te levou a procurar os serviços do CRAM (Assistência Social)?

P: Que motivo te levou a procurar os serviços do CRAM? O que fez você vir aqui? **E5:** Foram as necessidades que eu tive né com meu filho especial, depois eu sofri uma agressão doméstica, então tudo isso fez eu procurar aqui uma ajuda do pessoal né.

- Qual sua relação com agressor?

P: Você sofreu uma agressão do seu ex-companheiro? **E5:** Isso.

P: Quanto tempo vocês se relacionaram? **E5:** Nós ficamos 10 anos juntos, aí separamos fiquei dois anos divorciada, mas devido a separação, ele era meio perturbado, aí entrou na minha casa e me agrediu, não foi nem minha primeira, nem a segunda, nem a terceira (...) tenho uma marca no rosto, aqui na cabeça que foi da última agressão, que ele deu com o celular (...)

- Qual momento te levou a pedir ajuda (atendimento)?

P: Mas durante o relacionamento de vocês ele já se mostrou agressivo? **E5:** Sim, desde o início na verdade, do meu casamento, eu fui deixando, levando, aí a situação foi se agravando cada vez pior, foi onde eu tomei a decisão de separar e aí ele por conta do meu filho, que eu tenho com ele, vai entrar na casa. Na verdade, ele invade, quer ver meu filho dentro da minha casa, mas eu não permiti. Como ficava alterado comigo, porque eu não o permitia frequentar a minha casa, ele ficava agressivo.

P: Entendi, mas vocês se separaram legalmente? Ele paga a pensão? **E5:** Ele está preso atualmente, ele pagava pensão quando podia, quando trabalhava.

- Durante os acontecimentos retratados qual foi sua atitude mais comum?

P: Durante esses momentos de agressão, qual era a sua posição mais comum, melhor o que você fazia mais vezes? Chamava alguém, pedia socorro (...). **E5:** Na verdade, na verdade quando ele me agredia sempre me pegava de surpresa, ele nunca pegava assim com o celular na mão, sempre me pegava quando eu estava sozinha na minha casa, as agressões sempre foram quando eu estava sozinha na minha casa e não tinha o que me defender, como na última agressão. Nessa rua que eu moro agora (...) os vizinhos passaram e notaram alguma coisa diferente o viu alterado do lado de fora no portão, enquanto isso eu estava sangrando no quarto,

minha vizinha ela queria entrar na minha casa, ele falou que não era para entrar que eu estava fingindo, que não tinha nada acontecendo, mas ela entrou mesmo assim. Ela (vizinha) aproveitou um momento de distração e entrou, me viu jogada no chão sangrando, foi quando ela me socorreu, chamou o resgate e a polícia. Eu consegui escapar dele, levantei e corri para casa dela que é minha vizinha, fiquei trancada dentro da casa dela, até o resgate e os policiais chegarem.

P: (...) mas o que aconteceu? Ele chegou do nada (...)? **E5:** Eu estava no meu pai, na verdade, ele queria entrar na minha casa eu não deixei, eu já tinha chamado a primeira vez a viatura, os policiais pediram para ele sair do local (...) e viatura saiu primeiro, eles acharam que ele tinha saído, mas ele voltou ele me pegou distraída no meu quarto, eu acho que ia tomar um banho, nem lembro mais, só sei que eu estava de frente para minha cama quando eu vi assim, só senti a pancada. Devo ter dado uma desmaiada, porque foi muito forte, foi muito forte mesmo aí eu desmaiei um pouco, assim que eu consegui acordar né (...) e isso foi na presença dos meus filhos do de 20 que é especial, a minha filha não estava presente, porque claro que se ela estivesse isso não teria acontecido, porque ela sempre me protege. E aí eu consegui o socorro, porque se não fosse minhas vizinhas eu não sei o que seria, porque ele estava bem alterado, bem agressivo mesmo.

P: Alterado o que você falou, sob efeito de alguma substância ou só mais agressivo mesmo? **E5:** Ele é agressivo mesmo, toma uma cervejinha, mais sem tomar, ele sempre foi mesmo. Ele gritava dentro do meu ouvido quando a gente era casado, ele já me deu uma cabeçada aqui (aponta para a própria cabeça) isso que eu ia receber visita na minha casa, minha cabeça estava desse tamanho (gesto com os braços, em referência a algo grande). Quando eu estava vivendo com ele (...)

P: Entendi, você vê como uma característica dele? (...). **E5:** Sim, dele mesmo (...)

P: Não tem nenhuma substância envolvida? (...). **E5:** Eu crio que não, eu não entendia porque agressão sempre comigo? porque eu creio que se ele fosse usuário (...) ele catava outras pessoas na rua (...) Ele já discutiu com os patrões nos serviços que ele entrava, ele sempre foi estourado, no entanto esse último emprego dele, que ele foi preso por causa da agressão que ele teve comigo, (...) tem um pessoal que fala que ele chegava de manhã já bravo, xingando com uma piadinha sem graça sabe (...) eu creio que não é nada que ele tomou ou que ele usa é a personalidade dele mesmo.

P: Entendi, nesse momento qual sua relação com ele? Vocês conversam de alguma forma? **E5:** Não, nem quero ter contato nenhum com ele, de jeito nenhum.

P: Ele ainda está preso? **E5:** Está preso sim e quando ele foi preso tinha três meses que ele tinha saído, por causa de uma agressão aquele deu também um celular na minha boca. Então, aí foi eu achei que ele ia chegar para ver o filho dele, mas não, ele chegou já todo nervosinho querendo frequentar minha casa. Eu não posso permitir, eu estou separada dele sei a pessoa com quem eu convivi, então (...)

P: Você tem medida protetiva? **E5:** Eu tenho, tenho (...)

- Qual primeiro lugar/ pessoa para quem você pediu ajuda?

P: Quem primeira pessoa, não sei se você se lembra, nessas primeiras agressões, para quem você pediu socorro? **E5:** Para quem eu pedi, ai! Eu não eu não eu nunca consegui ligar para a polícia, porque ele sempre pegava meu celular, um ele quebrou o outro ele pegava da minha mão (...) mais os vizinhos que escutava por causa dos gritos dele, ele era muito escandaloso. Então os vizinhos percebiam e já chamavam a polícia de imediato.

P: Então a sua rede de apoio eram as suas vizinhas próximas? **E5:** Sim (...).

P: Os seus parentes ou mais alguém te ajudava? **E5:** Não, eu não morava perto meus parentes, só uma vez teve uma cena na casa da mãe dele, faz muitos anos que aconteceu isso, ele me trancou dentro de casa, porque ele me agrediu ele não queria que eu saísse da casa dele eu morava com a mãe dele. Aí a mãe dele mesmo chamou a polícia, chamou porque ele me trancou, ela mesma e uma irmã que também tem probleminha (...) essa foi a única pessoa da família que (...).

P: Que te acudiu (...) então nesse momento de dificuldade são sempre os vizinhos que escutam (...). **E5:** Sempre os vizinhos me ajudam muito, nessa última vez agora foi uma das piores agressões que ele fez comigo.

P: Você foi parar no hospital, né? **E5:** Fui e levei pontos na cabeça, tive que raspar meu cabelo para costurar, pra mim foi a pior né! Claro que todas foram piores, porque uma agressão sempre é pior (...) sempre é tenso né, mas essa última foi a pior ele passou de todos os limites (...).

P: Até então com você. **E5:** É comigo (...) é, no entanto que a agressão não mexeu só com (...) não falo só dos pontos das feridas, mas o meu psicológico né! E os meus filhos? O filho dele que tem 13 anos presenciou tudo. Presencia, sempre presenciou as agressões dele, então foi muito complicado,

P: (...) é uma criança né... **E5:** Aí vai crescendo né e vai pondo isso na cabeça, é bem tenso mesmo.

- Na sua opinião quais informações te ajudaram/ajudariam a pedir ajuda antes?

P: Como você chegou no CRAM? **E5:** Na verdade, na época eu precisava de uma ajuda pro meu filho especial. Ai eu já tinha conhecimento daqui e quando aconteceu a agressão, acho que os papéis foram mandados para cá, aí a ***** (Assistente Social do CRAM) me ligou e tudo para conversar comigo.

P: Ah sim, então ela teve acesso ao boletim de ocorrência e entrou em contato com você? **E5:** Isso, ela teve acesso.

P: Tá entendi, deixa só eu fazer mais uma pergunta? Você tinha informações sobre seus direitos ou onde buscar ajuda, alguma coisa desse tipo antes de chegar aqui? **E5:** Não, de forma alguma, eu nunca tive. Desde quando eu fui agredida da outra vez que ele foi preso, não tive apoio de nada (...)

P: Então antes de chegar aqui você nunca teve informações? **E5:** Não é a primeira vez que eu vejo, assim, que aqui tem um apoio né! Que a gente é acolhida, então para mim a primeira vez eu até fico surpresa, porque eu nunca tive essa orientação de “pedir ajuda em tal lugar!”.

P: Você já tinha feito boletim de ocorrência, mas é diferente (...). **E5:** Sim é diferente, é diferente, de ajuda para as mulheres, eu nunca tinha ouvido falar. Eu estava ouvindo falar, assim em outros lugares né, de apoio, sobre os agressores das mulheres, mas em outras cidades, daqui eu nunca tive informação não.

- Gostaria de falar mais alguma coisa, sobre esse assunto que você não teve oportunidade?

P: Tem alguma coisa que eu não te perguntei e você gostaria de falar? **E5:** Ai! eu não sei, Falo assim (...) é de um dia ele sair e aparecer na minha casa, esse é mais o meu medo na verdade, tenho medo dele aparecer de novo na minha casa. Tenho trauma, peguei medo dele, embora igual a ***** falou que não é para ter medo, mas, é uma coisa que deixa a gente com receio. Porque, fico sem informação nenhuma de quando ele vai sair ou de quanto tempo vai ficar? Não tenho informação, não sei como vai ser. Se vai sair e me pegar de surpresa, então tem tudo isso (...)

P: A família dele é daqui de *****? **E5:** Tem um irmão dele que mora aqui, mas a família mesmo é de São

Paulo. E a mãe dele mora em Pernambuco. Tá tudo espalhado (...)

P: Então, ele não teria outro motivo para voltar para cá? **E5:** Não tem outro motivo, ele poderia procurar outras pessoas, mas infelizmente o alvo dele sou eu. Falo assim, não é amor não é nada porque, amor para mim (...) no meu casamento nunca existiu! Porque desde os primeiros dias de casamento ele me deu um tapa na cara (...) e as pessoas perguntam por que você não viu isso antes, mas tipo assim (...) naquela época eu achava a pessoa sempre pode mudar, ah tudo muda, um dia ele vai mudar. Aí perdoa, ai ficava assim trezentas vezes perdão, mas hoje não, hoje eu entendi que ninguém muda se não quiser. Eu devia ter mudado desde o primeiro tapa na cara que ele me deu e não mudou.

P: Qual o motivo que fez você pensar, vou terminar essa relação? **E5:** O motivo? Agora (...) sempre para mim foi ele nunca foi um companheiro, sempre foi um agressor.

P: Você passou a vê-lo como um agressor, não como um companheiro (...). **E5:** Para mim um inimigo dentro da minha casa, eu estava lidando com o inimigo na minha casa e eu não sabia. Então eu o vejo dessa forma, embora que eu tenha um filho com ele, mas eu não vejo ele como outra pessoa. Sei que tem outras mulheres que passam por esta situação, tem muitas que não conseguem tomar uma atitude né, não consegue correr atrás seu direito, agora eu não eu, sempre fui atrás sem medo. Independente do que ele poderia fazer quando ele saísse, mas sempre corri atrás, sempre fiz o boletim, sempre pedia medida protetiva, mas é aquela que sempre quando a polícia vem ele está na porta de casa, aí eles acham que eu o apoio na minha casa, mas eu nunca apoiei. Ele vai com as pernas dele procurar saber onde eu estou, já mudei várias vezes de casa para ele não saber onde estou, mas ele sempre acha, nossa **** é um ovo, então todo mundo fala “a *****”, está morando em tal lugar!”

P: Ele acaba te encontrando de novo? **E5:** Sim encontra, ele acaba me encontrando, se eu pudesse oh pegava um avião e sumia, mas eu tenho minha vida aqui. Tenho um filho que é especial, tudo dele é aqui, os tratamentos, você imagina eu ter que ir embora por causa de um agressor! Ter que ir embora com um menino de 20 anos, que eu carrego praticamente no colo? Aí eu tenho que começar tudo de novo (...)?

P: (...) procurar lugares para os atendimentos, correr atrás de tudo (...). **E5:** É complicado, então eu tenho que enfrentar essa situação de cara, enfrentar, pedir ajuda fazer o que eu puder para eles não se aproximar mais de mim.

P: Exatamente, muito obrigada!

Resumo Entrevistada 6 – Identificação: 29 anos, cor parda, estudou até o 2^a ano do ensino médio, tem 4 filhos (meninos de 10, 8 e 5 anos, e um bebê de 1 ano e 9 meses), divorciada (atualmente amigada), trabalha eventualmente com serviços diversos (*freelancer*, entrega de panfletos, etc.). **Narrativas:** Foi contatada pelo CRAM após sofrer violência doméstica do companheiro. Tinha 2 anos de relação com o agressor. Sofreu agressões físicas e verbais. Relatou que o filho de 5 tem problemas fonéticos pois presenciou muitos episódios de violência doméstica. Relatou violência doméstica na própria infância (tentativa de estupro do pai, e abandono da mãe). Relatou descaso dos funcionários da delegacia ao registrar B.Os. As

agressões físicas perduraram durante toda a relação, foram recorrentes e muito graves quando o parceiro estava muito alcoolizado. Deixou a cidade quando o agressor foi preso. Atualmente não mora e não tem contato com o agressor.

Entrevista 06*

*Siglas – P: Pesquisadora; E6: Entrevistada número 6.

- Qual motivo te levou a procurar os serviços do CRAM (Assistência Social)?

P: Que motivo que te levou a procurar serviço do CRAM? **E6:** Aí! foi quando tive uma discussão com meu marido, meu ex-marido né! Eu fiz o Boletem de ocorrência, mas (...) eu já coloquei o pai do meu menino de 5 anos, já coloquei até preso, ele ficou 10 meses, por Maria da Penha, porque ele batia muito. Eu tenho facada aqui (aponta para a testa), tem facada no peito, tenho duas facadas na cabeça, então a partir do momento que eu larguei dele, eu fiquei 3 anos vivendo essa vida. Onde ele me via, ele bebia final de semana, entrava na minha casa, ele me batia e durante esses anos eu não tive relacionamento com ninguém, porque até mesmo que eu não conseguia, porque morava na mesma cidade. E toda vez que ele me batia, eu estava com neném no colo, porque o **** era neném na época. Até que da última vez que bateu, consegui pedir ajuda uma amiga minha no Whatsapp, a polícia chegou, eu fiquei da meia noite até às 2:00 da manhã, apanhando ainda. Então a polícia chegou, tenho até marca, (indicou o local com as mãos) aí a polícia chegou em flagrante, prendeu ele. Foi quando eu vim embora para ****. Vim morar para cá.

- Qual sua relação com agressor?

P: Você ficou quanto tempo com ele? **E6:** Fiquei 2 anos, mas aí a partir do momento que eu larguei dele, estava grávida do ****, que eu vi que ele já não era mais minha vida mesmo, foi quando eu larguei dele, tentei voltar, mas ele bateu no filho meu. Bateu nas costas do menino meu e eu não aceitei isso foi quando eu larguei depois, dessa segunda vez nunca mais aceitei ele devolta. Durante a semana me dá uma paz, mas era ele beber ele encanava, invadia a minha casa, ele me batia, eu bati (...) fazia boletim de ocorrência. Que sempre não dava em nada, era só medida protetiva, ele não respeitava e tal. Até que na última vez que consegui colocar ele preso, aí ficou com 10 meses preso. Aí quando ele saiu eu acho que só não veio atrás de mim mesmo porque eu estava casada e grávida (...)

P: Desse neném de 1 ano e 9 meses? **E6:** Isso, então foi quando larguei dele e aí foi só assim para me dar paz, mas tipo assim, até então pro ***** ele foi um bom pai, sempre foi, mas depois que ele viu que eu não ia voltar com ele mesmo depois que ele saiu na cadeia. Ele tentou voltar comigo, aí foi que também não dava mais pensão pro *****. Falo que o menino é assim hoje por causa dele, que quando passei pelo doutor *****⁷⁹, né! Ele falou que o ele tem é trauma porque só vê você apanhando. O ***** falava normalmente até um ano, falava papai e mamãe certinho, depois ele começou a se fechar, se fosse, se fechar, a se fechar aquele mundo dele. Ele foi começar a falar esse ano, antes era só apontando as coisas com a cabeça, nosso diálogo com ele era assim e ele é muito agressivo, muito agressivo, até hoje, acho que é porque ele não consegue falar, se

⁷⁹ A criança está sendo acompanhada por médicos e outros profissionais da saúde e educação, pois apresenta algumas dificuldades de aprendizagem. Atualmente com 4 anos.

expressa assim. Quando a gente não entende o que ele falar, nossa ele fica bravo.

P: Ele frequenta escola? **E6:** Escola frequenta, eu tive muito trabalho para escola, porque as professoras não entendiam o que ele falava e me ligava, eu falava “gente! o que! quer eu vou aí”, eu sou mãe dele, mas não entendo tudo o que ele fala também. Até que o encaminhou pra Fono, demorou quase 2 anos para conseguir, agora que ele começou (...)

- Qual primeiro lugar/ pessoa para quem você pediu ajuda?

P: Durante esses acontecimentos, as agressões quais eram suas atitudes mais comuns? Você procurava ajuda? Você (...). **E6:** Só delegacia mesmo, eu fazia boletim na delegacia.

P: Sua família te dava um apoio? **E6:** Não.

P: Você tinha alguma rede de apoio? **E6:** Nada! eu não sabia, porque eu não tinha contado com meu pai. Porque meu pai tem mais de 15 anos que eu não converso com ele, porque quando eu tinha 15 anos ele tentou me estuprar, então ficou 10 anos preso por isso. Eu tenho até a marca do canivete ainda (...) nunca mais conversei com ele. A minha mãe me abandonou quando eu tinha 8 meses, então fui a conhecer quando tinha 14, quem me criou foi minha madrasta, até os meus 13 anos, depois fiquei com meu Avô, depois já casei e tudo mais.

- Narre na sua perspectiva os acontecimentos que te levaram a procurar o serviço.

P: Você se casou muito jovem? **E6:** Me casei com 16/17 anos

P: Aí logo depois, você já teve o seu primeiro menino? **E6:** É com 18 eu gravei e tive com 19.

P: Hum, tanto que ele já tem 10 anos e agora, ele mora com você? Todos os seus filhos moram com você? **E6:** Sim, todos mora comigo, graças à Deus!

P: Então a sua relação hoje em dia, com o pai do ***** é distância? **E6:** Não converso com ele.

P: Sobre nada, nem sobre o *****? **E6:** Não, ele não é presente, com as crianças.

P: Ele nem visita? Ele está morando aqui na cidade? **E6:** Tá morando em *****, tanto ele, quanto o pai do *****, moram lá, os dois. Ele casou teve outra filha (...)

P: Estabeleceu outra família? **E6:** É(...)

- Qual primeiro lugar/ pessoa para quem você pediu ajuda?

P: Qual foi primeiro lugar ou a primeira pessoa que você pediu ajuda? Você se recorda? **E6:** Foi essa amiga minha, a ***** hoje infelizmente não está no meio com a gente, ela faleceu (...) faz 2 anos que ela faleceu. Estava fazendo a unha (saiu até na internet, na época), ela fazendo unha o aparelhinho caiu e ela faleceu, tinha 22 anos, era mais que uma irmã pra mim, sempre me apoiou em tudo. Toda vez que ele me batia ficava comigo em casa, uma pessoa superimportante.

P: Ela era sua rede de apoio? Nesses momentos? **E6:** Nossa era, no entanto, que (...) eu tenho meu menino de 1 ano e 9, ganhei ele de 6 meses e meio, decorrente a isso, porque entrei em depressão por causa dela. Quando ela morreu, ela morreu em outubro, era pra eu ganhar em março, mas ganhei em janeiro. Porque eu fiquei muito ruim, da morte dela, muito ruim, eu não comia, eu só chorava e ficava pensando nela. Não achava justo, Deus ter levado ela, então fiquei muito ruim mesmo, até que chegou um ponto que eu fiquei internada, eu peguei anemia porque eu não comia. Tive que tirar, (...) tive que ganhar o neném, meu sangue já não circulando mais, porque eu sempre tive problemas nas veias, então já não me alimentava então acabei ganhando o neném com 6 meses e meio.

- Qual momento te levou a pedir ajuda (atendimento)?

P: Nasceu bem prematuro? **E6:** Nossa! Nasceu bem prematuro, muito (...) muito aí a partir desse momento foi que o CRAM entrou na minha vida, estava grávida do ***** tudo, aí aconteceu dele ficar na UTI e eu não conseguir ajuda, pra visita ele. Eu tinha que ir agora aí a Santa Casa, mas a prefeitura não queria me fornecer uma ambulância, eles entraram e eles conseguiram, até mesmo montaram um enxoval, nem berço eu tinha.

P: Eles te procuraram ou você procurou? **E6:** Eles, eu recebi uma cartinha na minha casa, aí nessa cartinha eu resolvi procurar para saber o que é? Aí quando falou o que era o CRAM, me interessei eu vim conversei com ela (a Assistente Social) tudo. Desde então são mais 2 anos que eu sou acompanhada por aqui. Aí eu venho quando eu preciso de ajuda, você viu? Até mesmo quando eu não preciso, ligo e falo aconteceu tal coisa (...), tipo quando consegui um bico e tals. Sempre estou informando-os sobre a minha vida e as crianças (...)

- Na sua opinião quais informações te ajudaram/ajudariam a pedir ajuda antes?

P: Antes de chegar até aqui, (o CRAM) você tinha informações sobre seus direitos? Questões relativas a violência? **E6:** Não, só sabia que podia fazer um boletim de ocorrência e ter uma medida protetiva, era isso aí que eu sabia.

P: Mas porque você foi até a delegacia acompanhada e teve a medida protetiva? **E6:** Isso (...)

P: Só por causa da vivência que você já teve? Hum em nenhum outro âmbito da sua vida, em nenhum outro lugar você tinha a informação? **E6:** Não! Até então em ***** não tinha CRAM.

P: Em *****, não tem mesmo! Mas nenhum outro lugar? Nem escola? Nem outras mulheres? **E6:** Porque delegacia é um descaso, tipo eu já ouvi do próprio policial “mas ta com ele, porque você quer”? Acho que estou com ele, mas não estou com ele. Ele me persegue, bebe e me persegue, mas ele estava na sua casa? (disse o policial), agora por que ele estava na minha casa quer dizer que ele mora comigo? (em resposta ao policial) Se você quiser ir lá na minha casa agora (...) se você achar uma cueca dele (...) você pode ir! Você vai ver minhas portas estouradas, você vai ver tudo. Bem na delegacia acontece um descaso, vai você lá, diz que é o que aconteceu, uma vez, duas ou três (...) acha que eu estou com ele ainda. Uma vez eu tive que chamar a polícia chamar outro endereço, porque às vezes chamava e eles não vinham, aí eu já ouvi da boca do próprio policial, que se “eu soubesse que era aqui não vinha”. Já cheguei a falar isso na delegacia, mas você acha que a delegacia vai se opor contra o seu próprio policial? Não vai, o próprio funcionário deles.

P: Então, você não tinha recebido nenhuma informação antes de chegar aqui? **E6:** Não.

P: Sobre os seus direitos, sobre o que você podia fazer ou que ajuda você podia ter? **E6:** Não! nadinha, fui começar a ter conhecimento aqui, depois que chegou essa cartinha do CRAM para mim. aí eu comecei a interagir saber dos meus direitos, tudo essas coisas.

- Qual momento te levou a pedir ajuda (atendimento)?

P: Ah! Entendi, deixa só eu ver se está faltando alguma coisa! Deixa só eu ver se entendi, então nesse momento o que te levou a pedir ajuda, foi o apoio dessa sua amiga? **E6:** Foi! tava perto da meia-noite, vi que ela estava online lá e aí eu mandei a foto do meu rosto sangrando, foi a hora que ela chamou a polícia, me tranquei no quarto, cheguei até a desmaiar. Acordei com ele jogando pó de café em mim. Enquanto isso ela ligava na delegacia, a irmã dela juntou para ligar também, tanto é que duas horas da manhã a viatura chegou.

P: Ele te agrediu com uma faca? **E6:** Então aqui (apontando para a testa) eu não sei o que aconteceu. Só sei que na hora que eu acordei, estava dormindo, a hora que acordei, já acordei com sangue.

P: Nossa! Ele entrou na sua casa com você dormindo, só para te agredir? **E6:** Isso, o ***** mamava na época, então ele estava no meu colo, já acordei melada de sangue. Diz ele, no dia do depoimento, que foi um soco que ele me deu, mas eu acho que não foi. Até podia ter sido, mas ele devia estar com alguma coisa na mão, porque um soco só não ia abrir aqui (mais uma vez mostra uma cicatriz na testa), eu levei 5 pontos (...)

P: Ficou a marquinha (...) **E6:** Eu fiz assim, aí começou a me bater, me bater (...) as crianças tudo acordou, o **** puxava a roupa dele e gritava não mamãe, mamãe, mamãe! (...) sabe ele me levou pro banheiro me batia, me batia mais. Acho que foi a hora que eu desmaiei, acordei no sofá, com ele jogando o pó de café, acho que para estancar o sangue. Ao mesmo tempo que me batendo, deve ter se arrependido não sei (...) teve uma hora que ele estava tão bêbado que sentou no chão e pediu para pegar uma coberta (...) eu vim pegar e ele levantou, e me bateu mais ainda.

P: E seu companheiro atual não estava em casa? **E6:** Não, eu não estava com ele! Isso aconteceu antes de eu vir p L***. Aí quando ele foi preso que eu vim embora para L****.

P: Então foi na época que o seu menino que agora está com 4 para 5 anos era nenenzinho? **E6:** Isso, ele era neném, tinha um ano e pouco.

P: Nossa que difícil! **E6:** (pausa para respirar por alguns segundos) porque eu tenho que continuar (...) porque o que me deixa hoje em pé, são meus filhos (...).

P: Que foi o ponto de ruptura? **E6:** Foi, eu sei se eu não tiver aqui para cuidar deles, ninguém vai, vão ficar tudo jogado, porque pai nenhum presta. Então assim se eu faltar, eles vão sofrer, então tem que dar continuidade. O da coragem de continuar são eles, tem horas que a gente pensa em desistir mesmo, fica pensando por que a gente passa por isso (...) pensando nessa vida com ele, 3 anos assim.

P: Mas o que fez você olhar e pensar eu não quero mais essa relação? **E6:** Foi porque ele bateu no meu filho, porque ele me bateu grávida, ainda depois que o meu menino nasceu (...) depois eu ainda voltei com ele, mas ele bateu no meu filho eu não aceitei. Nem eu bato, não gosto que ninguém bata, corrigir é uma coisa bater é outra, bateu no meio das costas (...) aí não aceitei.

- Gostaria de falar mais alguma coisa, sobre esse assunto que você não teve oportunidade?

P: Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar que não teve oportunidade? **E6:** Nem é tanto p mim né, mas assim, eu vejo muita mulher que apanha e aguenta a situação, porque a aí é pai do meu filho, eu acho que vai viver presa nesse casamento, se larga não vai conseguir outro (...) Eu acho que enquanto tiver vida é melhor buscar ajuda sim, denunciar sim e não se calar, porque o mal (...) não pode se calar pra sempre se ficar assim pode até morrer né. Perder a própria vida, por causa de uma pessoa que não vale a pena, eu acho que se tem uma oportunidade de denúncia, quantas vezes for preciso. Porque para ir ele preso precisei denunciar cinco vezes, mas foi uma hora (...) e não aceitar esse tipo de relacionamento assim abusivo. Hoje em dia a mulher já tem seu lugar no mundo né, já trabalha, já sobrevive sozinha, não é filho vai aprender, eu tenho quatro e nunca me prendeu. Eu sempre trabalhei com biquinho, faz um biquinho aqui, faz um biquíni ali. Tem mais que denunciar e ter uma vida tranquila né, com dificuldade, do que se prender o casamento apanhando e sofrendo, porque isso prejudica só a mulher. Prejudica o filho também, que a criança vê aquilo ali.

P: É, a criança que está o tempo todo ali (...). **E6:** A criança vai sofrer junto com a gente, uma hora meu filho se revolta, é contra a gente, porque não vão achar que estamos ali por causa deles. Tem muita mulher pensa,

vou ficar porque é pai deles, vai crescer com raiva. Antes crescer com raiva porque você largou, do que ele crescer com raiva por saber que você está sofrendo na minha opinião, eu acho isso.

P: Muito bem, muito obrigada!